

Sociedade Midiática

Comunicação e Linguagem

1. Introdução

São muitos os conflitos em torno da noção do popular nos dias atuais, especialmente, quando o termo é pensado a partir de uma relação com os meios de comunicação. Na tentativa de discorrer sobre o tema, este artigo buscou na corrente de investigação dos Estudos Culturais fundamentos que ajudaram a compreender as formas de construção e produção de sentido da cultura popular em sua articulação com a mídia, em especial com a televisão considerada como uma fonte complexa de práticas sociais que influenciam atitudes e articulam tendências contribuindo para a construção e reprodução da realidade social.

O fascínio que a TV suscita na audiência, especialmente no Brasil onde este veículo assume um lugar privilegiado por ser o principal meio de acesso à informação e entretenimento para a maioria da população, tem contribuído para posicionar a televisão como detentora de um poder disseminador

Segundo a pesquisa Digital in 2016, da We Are Social, realizada ao longo do último trimestre de 2015, temos hoje no Brasil uma média de 45% da população ativa em redes sociais de todos os tipos.

De janeiro de 2015 para cá tivemos um aumento de 13% de usuários de redes sociais conectados via mobile. Considerando a popularização do acesso ao aparelho celular (91% da população adulta do Brasil já tem um), é natural esperarmos que esse número cresça de maneira vertiginosa nos próximos anos, deixando claro que esse é nicho interessante de se investir.

Já os dados da Pesquisa Brasileira de Mídia 2015, da Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República, mostram que 65% dos jovens entrevistados, com até 25 anos, acessam internet todos os dias aqui no país. E esse número só continua crescendo. 67% desses jovens afirmaram também que o uso é principalmente destinado à diversão e à busca de notícias que, sabemos bem, vem ganhando cada vez mais espaço dentro das próprias redes sociais.



2. Construção Conceitual

No decorrer dos anos a educação passou por diversas transformações e ainda contínua em um processo de constantes mudanças. De certa forma, buscando a melhor maneira de integrar o indivíduo na sociedade, utilizando-se dos meios tecnológicos no ambiente escolar com fins educacionais.

Uma das grandes transformações ocorridas recentemente refere-se às mídias. As mídias, de modo geral, são todos os meios de comunicação de massa; jornal impresso, emissora de TV, rádio, revista, CD's, livros, internet, novela, outdoor, etc.; seja ele para informar, fazer publicidade ou como entretenimento.

As mídias estão presentes em todos os lugares e fazem parte significativa em nosso cotidiano. São produtoras de cultura, pois transmitem mensagens, influenciam no comportamento, no modo de agir, pensar e sentir das pessoas. As culturas midiáticas também representam poder. A opinião que temos em relação a algum fato que esta na mídia, esta relacionado às nossas condições sociais e econômicas. Cultura é muito mais do que festas e comidas tradicionais de uma sociedade, ela é produtora de sentidos e valores.

Mas não basta só ter uma diversidade tecnológica sem saber como utilizá-la em sala de aula de forma a possibilitar a aprendizagem e conscientização dos alunos, é necessário ter o conhecimento da mesma. Os professores precisam fazer o uso destas de forma a torna as aulas mais interessantes e atraentes.

Portanto, as mídias são agentes sociais da socialização, agentes sociais da educação. E cabe aos professores e alunos saberem usar de forma coerente esses meios possibilitando ensino- aprendizagem contínua. Criar e recriar, buscando sempre melhoras.

A ESCRITA

Quando se estuda o período do **Renascimento**, geralmente se destaca o advento de algumas invenções, tais como o telescópio e o relógio de precisão. Uma dessas invenções que provocaram uma verdadeira revolução no terreno da escrita e da leitura foi à **imprensa**, isto é, a máquina de impressão tipográfica inventada pelo alemão **Johann Gutenberg** no século XV.

O nome **imprensa** remete, nos dias atuais, quase que automaticamente às instituições de divulgação de notícias e opiniões sobre fatos cotidianos, isto é: aos jornais e revistas especializados, sejam diários, semanários ou mensários. Esse nome, entretanto, designa, originariamente, um tipo de dispositivo técnico capaz de reproduzir palavras, frases, textos ou mesmo livros inteiros através de caracteres ou tipos móveis. Esse dispositivo foi inventado por Gutenberg na década de 1430.



Durante milênios a escrita restringia-se a modos de réplica muito limitados, como as tabuinhas com escrita cuneiforme dos povos sumérios, os papiros egípcios, os ideogramas chineses, entre outras variadas formas de reprodução, cujo acesso era restrito a pequenos grupos de pessoas, geralmente escribas. Apenas com a invenção de Gutenberg a propagação de livros, como a Bíblia – o primeiro dos livros inteiros publicados pela técnica da imprensa –, passou a ficar intensa. Isso se dava, fundamentalmente, em razão da facilidade que havia na reprodução dos textos. Não era necessário copiar à mão palavra por palavra como se fazia até então. Fazia-se um molde com os caracteres móveis e, a partir dele, imprimiam-se quantas cópias o estoque de tinta à base de óleo suportasse.

A APPLE

Steve Jobs, co-fundador e ex-diretor executivo da gigantesca Apple, faleceu semana passada aos 56 anos de idade. Jobs foi vítima de câncer no pâncreas, doença que ele havia anunciado em 2004. Em comunicado oficial, a Apple afirmou que ele foi “a fonte de inúmeras inovações que enriqueceram e melhoraram a vida de todos nós”, e que ele deixou o mundo infinitamente melhor, é difícil encontrar quem não reconheça o talento de Jobs. Foi ele quem criou o primeiro computador pessoal com mouse, transformou textos de tela em ícones e mudou a forma como todos ouvem música. Graças a ele, a tecnologia pode estar na ponta dos dedos de qualquer pessoa, literalmente.

Estão sendo feitas homenagens por diversos chefes de empresas de tecnologia, líderes mundiais e, é claro, pelos cidadãos comuns que se beneficiaram dos frutos do trabalho de Jobs diariamente. Jobs, sem dúvidas, mudou a percepção das pessoas sobre as máquinas. Para o presidente dos EUA, Barack Obama, o mundo perdeu um visionário. “Steve foi um dos maiores inovadores dos EUA: com a coragem de pensar diferente, ousado o suficiente para acreditar que poderia mudar o mundo e talentoso o suficiente para fazer isso”, disse Obama.

“Em sua vida pública, Steve era conhecido como um visionário. Na sua vida privada, ele amava sua família”, afirmou a família de Jobs. Em comunicado, a Apple disse que a empresa “perdeu um visionário e um gênio criativo e o mundo perdeu um fantástico ser humano”.

Tim Cook, que virou o CEO da Apple quando Steve Jobs abandonou o cargo em agosto, disse que seu predecessor havia deixado para trás uma empresa que só ele poderia ter construído, e que seu espírito será sempre a base da Apple. Bandeiras estão sendo hasteadas em frente à sede da Apple na Califórnia (EUA), enquanto fãs de todo o mundo estão prestando homenagens em frente às lojas da empresa.

Até mesmo os chefes das empresas rivais da Apple estão prestando homenagens, incluindo o dono da Microsoft, Bill Gates, que disse que o impacto profundo que Jobs causou no mundo da tecnologia será sentido por diversas gerações. O fundador do Facebook, Mark Zuckerberg, agradeceu Jobs por mostrar que o que você constrói pode realmente mudar o mundo, enquanto o presidente da Sony, Howard Stringer, disse: “A era digital perdeu sua luz principal”.

Até a sul-coreana Samsung, que está envolvida em uma batalha legal com a Apple por patentes, elogiou Jobs por suas numerosas mudanças revolucionárias para a indústria de tecnologia de informação. Jobs introduziu o computador iMac colorido, o iPod, o iPhone e o iPad para o mundo. Sua morte se deu apenas um dia depois que a Apple apresentou seu modelo do iPhone 4s, Com um valor de mercado estimado em US\$ 340 bilhões (cerca de R\$ 612 bilhões), a Apple é a empresa de tecnologia mais valiosa do mundo.

3. Era da Imagem

Um dos fenômenos tecnológicos mais impressionantes de nossa história é a capacidade de captação (ou captura) da “imagem-movimento”, isto é, da apreensão de imagens dinâmicas da realidade, e não estáticas, como é o caso da fotografia. A captura da “imagem-movimento” foi possível a partir de 1889 com a criação do **cinetoscópio** por **William Dickson**, assistente do cientista e inventor americano **Thomas Edison**. Esse invento e os modelos que o sucederam na década seguinte contribuíram para o desenvolvimento do **cinema** tal como o compreendemos hoje, ou seja, a **arte cinematográfica**.

O cinema, portanto, teve origem no cinetoscópio, que, todavia, não projetava as imagens em telões. O espectador do cinetoscópio tinha de observar (durante um tempo-limite de 15 minutos) as imagens no interior de uma câmara escura por meio de um orifício em que colocava um dos olhos. Nesse sentido, a experiência visual proporcionada pelo cinetoscópio não podia ser feita coletivamente. Edison não chegou a patentear o invento, o que abriu portas para outros inventores, sobretudo da Europa, aperfeiçoarem o modelo.

No ano de 1892, o francês **Léon Bouly** conseguiu, a partir do cinetoscópio, desenvolver o **cinematógrafo**, um modelo que conseguia gravar e projetar a luz das imagens-movimento em tela, em quadros por segundo. Contudo, Bouly não possuía dinheiro para registrar a patente do invento. O cinematógrafo acabou por ser patenteado pelos **irmãos Lumière**, que passaram, a partir de 1895, a fazer várias produções cinematográficas de pequena capacidade e a exibi-las em sessões especiais para isso.

A primeira exibição de filme feito por Auguste e Louis Lumière ocorreu em 22 de março de 1895. O filme era intitulado “La Sortie de L'usine Lumière à Lyon” (A saída da Fábrica Lumière em Lyon) e registrava a saída dos funcionários do interior da empresa Lumière, na cidade de Lyon, na França. Foi ainda com os irmãos Lumière que começaram as primeiras “direções cênicas” para o cinema.

Edgar Morin, considerado um dos pensadores mais importantes do século XX, nasceu em Paris no ano de 1921. Sociólogo e filósofo de origem judaico-francesa, formou-se em Direito, História e Geografia, adentrando mais tarde na Filosofia, Sociologia e Epistemologia. Escreveu mais de trinta livros, sendo considerado um dos principais pensadores sobre complexidade.

Participou de atos militantes em solidariedade aos anarquistas catalães, devido à dificuldade que a Frente Popular e a Guerra Espanhola trouxeram, impelindo-o de se reconhecer politicamente. Nas vésperas da Segunda Guerra Mundial, aderiu aos Estudantes Frentistas, onde foi forçado a interromper seus exames da Sorbonne, principalmente quando a França foi invadida pelo exército de Hitler. Fugiu para Tolouse, onde dedicou seu tempo a atividades existenciais, como secretário da Associação dos Estudantes Refugiados.

Cada vez mais envolvido em atividades subversivas, resolveu substituir o sobrenome original "Nahoum" por "Morin". Vivendo uma dupla clandestinidade, como judeu e como Comunista, participando intensamente das ações da Resistência que culminaram na Insurreição de Paris, em 1944. Após a libertação da França e o final da guerra, tentou trabalhar como redator em jornais ligados ao Partido Comunista Francês. Mais tarde, conseguiu ser admitido como estagiário de pesquisas no CNRS (Centro Nacional de Pesquisa Científica), onde escolheu como tema de pesquisa a Sociologia do Cinema, para dar continuidade à sua investigação sobre "a realidade imaginária do homem".

Seus estudos sócio-antropológicos sobre o Cinema renderam, inclusive, o livro deste texto de estudo: "O Cinema ou o Homem Imaginário".

Em seu texto, Morin trata do complexo projeção-identificação-transferência. Este complexo, por sua vez, trata dos fenômenos psicológicos subjetivos que "deformam" a realidade objetiva das coisas, ou então se situam, deliberadamente, fora desta realidade, como devaneios.

No processo projeção-identificação, a projeção corresponde ao espaço onde tudo está programado: como nós somos, o que desejamos, quais nossas opiniões, tendências, aspirações, etc, influenciando não só em sonhos e imaginações, mas também sobre todas as coisas e todos os seres. As nossas percepções, por mais simples que sejam, são ao mesmo tempo confundidas e trabalhadas pelas nossas projeções. Na identificação, o sujeito, em lugar de se projetar no mundo, absorve-o. E as duas se encontram interligadas no seio de um complexo global. A transferência é inserida neste contexto, fazendo uma passagem entre um fenômeno e outro.

A evolução, individual ou coletiva, tende a desmagificar o universo e a interiorizar a maia. Morin acredita que a magia tenha deixado de ser uma crença tomada ao pé da letra para se tornar sentimento, e que a consciência racional e objetiva a obrigou a retroceder. Fazendo-se assim, a vida "interior" e afetiva se atrofiarem.

No cinema, esses processos de projeção-identificação operam de forma que elas se tornem projeções-identificações imaginárias. Pois à medida que identificamos as imagens na tela, depositamos as nossas projeções-identificações referentes à vida real em movimento. Todos os fenômenos de cinema tendem a conferir as estruturas da subjetividade à imagem objetiva; que todos eles põem em causa as participações afetivas.

Em espetáculo, diz-se que o espectador encontra-se fora da ação, privado das participações práticas. Sua presença é apenas reconhecida através de aplausos ou vaias, mas sem mudar, realmente, o curso interno da representação. Esta ausência de participação prática ou ativa torna-se psíquica e afetiva; interiorizando-se. Desta forma, a passividade do espectador o coloca em uma situação regressiva, infantilizada, como se estivesse sob efeito de uma neurose artificial.

Segundo Morin, o Cinema é estético porque está destinado a um espectador que continua consciente da ausência de realidade prática do que está a ser representado, convertendo a cristalização mágica para participações afetivas.

TREINANDO PARA O ENEM

01. (Unicamp 2016)

(...) *pediu-me desculpa da alegria, dizendo que era alegria de pobre que não via, desde muitos anos, uma nota de cinco mil réis.*

- *Pois está em suas mãos ver outras muitas, disse eu.*

- *Sim? acudiu ele, dando um bote pra mim.*

- *Trabalhando, concluí eu. Fez um gesto de desdém; calou-se alguns instantes, depois disse-me positivamente que não queria trabalhar.*

(Machado de Assis, *Memórias póstumas de Brás Cubas*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001, p.158.)

O trecho citado diz respeito ao encontro entre Brás Cubas e Quincas Borba, no capítulo 49, e, mais precisamente, apanha o momento em que Brás dá uma esmola ao amigo.

Considerando o conjunto do romance, é correto afirmar que essa passagem

- explicita a desigualdade das classes sociais na primeira metade do século XIX e propõe a categoria de trabalho como fator fundamental para a emancipação do pobre.
- indica o ponto de vista da personagem Brás Cubas e propõe a meritocracia como dispositivo pedagógico e moral para a promoção do ser humano no século XIX.
- elabora, por meio do narrador, o preconceito da classe social a que pertence Brás Cubas em relação à classe média do século XIX, na qual se insere Quincas Borba.
- sugere as posições de classe social das personagens machadianas, mediante um narrador que valoriza o trabalho, embora ele mesmo, sendo rico, não trabalhe.

02. (Ita 2016) Sobre *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, é **INCORRETO** afirmar que o protagonista

- destaca, no período de sua adolescência, a paixão por Marcela.
- se mostra melancólico no negativo balanço final de suas lembranças.
- relata com franqueza e sem autocomplacência as experiências que viveu.
- narra o envolvimento adúltero que teve com Virgília, esposa de Lobo Neves.
- confessa que a passagem mais triste de sua vida foi a morte precoce de Eulália.

03. (Ita 2016) No romance *São Bernardo*, de Graciliano Ramos, o desenlace trágico decorre sobretudo

- do fato de Madalena ter se casado unicamente por necessidade financeira.
- das dúvidas de Paulo Honório quanto à paternidade do filho de Madalena.
- da tristeza final de Paulo Honório, que o leva a se desinteressar pela fazenda.
- dos envoltimentos sexuais de Paulo Honório com as empregadas da fazenda.
- dos conflitos nascidos da diferença de mentalidade e de temperamento do casal.

04. (Unicamp 2016)

Rua da Liberdade – São Paulo-SP - 1937



(Disponível em <http://www.ims.com.br/ims/artista/colecao/claude-levi-strauss/obra/1995>.)

Pobre alimária

O cavalo e a carroça
Estavam atravancados no trilho
E como o motoneiro se impacientasse
Porque levava os advogados para os escritórios
Desatravancaram o veículo
E o animal disparou
Mas o lesto carroceiro
Trepou na boleia
E castigou o fugitivo atrelado
Com um grandioso chicote

(Oswald de Andrade, *Pau Brasil*. São Paulo: Globo, 2003, p.159.)

A imagem e o poema revelam a dinâmica do espaço na cidade de São Paulo na primeira metade do século XX. Qual alternativa abaixo formula corretamente essa dinâmica?

- Trata-se da ascensão de um moderno mundo urbano, onde coexistiam harmonicamente diferentes temporalidades, funções urbanas, sistemas técnicos e formas de trabalho, viabilizando-se, desse modo, a coesão entre o espaço da cidade e o tecido social.
- Trata-se de um espaço agrário e acomodado, num período em que a urbanização não tinha se estabelecido, mas que abrigava em seu interstício alguns vetores da modernização industrial.
- Trata-se de um espaço onde coexistiam distintas temporalidades: uma atrelada ao ritmo lento de um passado agrário e, outra, atrelada ao ritmo acelerado que caracteriza a modernidade urbana.
- Trata-se de uma paisagem urbana e uma divisão do trabalho típicas do período colonial, pois a metropolização é um processo desencadeado a partir da segunda metade do século XX.

05. (Ita 2016) Acerca das personagens femininas de *O cortiço*, de Aluísio Azevedo, podemos dizer que

- Rita Baiana seduz Jerônimo somente para vingar-se de Firmo, seu amante.
- Pombinha, aos domingos, escreve as cartas ditadas pelos moradores do cortiço.
- Estela não ama Miranda, mas é fiel a ele, ainda que por mera conveniência.
- Bertoleza dedica, até o final do romance, um amor platônico a João Romão.
- Leónie, que não mora no cortiço, se sustenta sozinha, trabalhando como lojista.

06. (Unicamp 2016)

*(...) plantai batatas, ó geração de vapor e de pó de pedra, *macadamizai estradas, fazei caminhos de ferro, construí passarolas de Ícaro, para andar a qual mais depressa, estas horas contadas de uma vida toda material, maçuda e grossa como tendes feito esta que Deus nos deu tão diferente do que a que hoje vivemos. Andai, ganha-pães, andai: reduzi tudo a cifras, todas as considerações deste mundo a equações de interesse corporal, comprai, vendei, agiotai. – No fim de tudo isto, o que lucrou a espécie humana? Que há mais umas poucas dúzias de homens ricos. E eu pergunto aos economistas políticos, aos moralistas, se já calcularam o número de indivíduos que é forçoso condenar à miséria, ao trabalho desproporcionado, à desmoralização, à infâmia, à ignorância crapulosa, à desgraça invencível, à penúria absoluta, para produzir um rico?*

**Macadamizar: pavimentar.*

(Almeida Garrett, *Viagens na minha terra*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2012, p.77.)

Formou Deus o homem, e o pôs num paraíso de delícias; tornou a formá-lo a sociedade, e o pôs num inferno de tolices.

(Almeida Garrett, *Viagens na minha terra*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2012, p.190.)

Vários discursos organizam a estrutura narrativa do romance *Viagens na minha terra*, de Almeida Garrett. Isso permite afirmar que a visão de mundo dessa narrativa

- a) compartilha exclusivamente dos valores éticos dos ricos e é demagógica com a miséria social, marca inconfundível do romance de Garrett.
- b) relativiza posições dogmáticas sobre a vida social, cultural e política, permitindo vários ângulos de observação.
- c) denuncia as condições sociais injustas dos pobres da sociedade, o que indica o caráter panfletário do romance de Garrett.
- d) divide o mundo entre ricos e pobres e não leva em consideração que uma vida justa depende da riqueza produzida na sociedade.

07. (Unicamp 2016) Leia o poema “Mar Português”, de Fernando Pessoa.

MAR PORTUGUÊS

*Ó mar salgado, quanto do teu sal
São lágrimas de Portugal!
Por te cruzarmos, quantas mães choraram,
Quantos filhos em vão rezaram!
Quantas noivas ficaram por casar
Para que fosses nosso, ó mar!*

*Valeu a pena? Tudo vale a pena
Se a alma não é pequena.
Quem quer passar além do Bojador
Tem que passar além da dor.
Deus ao mar o perigo e o abismo deu,
Mas nele é que espelhou o céu.*

(Disponível em <http://www.jornaldepoesia.jor.br/fpesso03.html>.)

No poema, a apóstrofe, uma figura de linguagem, indica que o enunciador

- a) convoca o mar a refletir sobre a história das navegações portuguesas.
- b) apresenta o mar como responsável pelo sofrimento do povo português.
- c) revela ao mar sua crítica às ações portuguesas no período das navegações.
- d) projeta no mar sua tristeza com as consequências das conquistas de Portugal.

08. (Ita 2016) O poema abaixo é de José Paulo Paes

Bucólica

*O camponês sem terra
Detém a charrua
E pensa em colheitas
Que nunca serão suas.*

(Em: *Um por todos – poesia reunida*. São Paulo: Brasiliense, 1986.)

O texto apresenta

- a) uma oposição campo/cidade, de filiação árcade-romântica.
- b) um bucolismo típico da tradição árcade, indicado pelo título.
- c) uma representação tipicamente romântica do homem do campo.
- d) um contraste entre o arcadismo do título e o realismo social dos versos.
- e) uma total ruptura com a representação realista do homem do campo.

09. (Ita 2016) A adivinha é um gênero da oralidade popular que formula construções como: “O que é, o que é: tem escamas mas não é peixe, tem coroa mas não é rei? O abacaxi!. Ela consiste num jogo enigmático de perguntas que, por conter dualidades e oposições, leva o ouvinte a pensar. Considerando essa definição, leia o poema abaixo de Orides Fontela.

Adivinha

O que é impalpável

mas

pesa

o que é sem rosto

mas

fere

o que é invisível

mas

dói.

(Em: Teia. São Paulo: Geração Editorial, 1996.)

Considere as seguintes afirmações:

I. O poema mantém alguns traços formais da adivinha popular.

II. Como a adivinha popular, a do poema possui uma única resposta, que é um elemento concreto.

III. A adivinha do poema é uma reinvenção da adivinha popular.

Está(ão) correta(s) apenas:

a) I.

b) I e II.

c) I e III.

d) II.

e) II e III.

10. (Ita 2016)

TEXTO 1

Vou confessar um pecado: às vezes, faço maldades. Mas não faço por mal. Faço o que faziam os mestres zen com seus "koans". "Koans" eram rasteiras que os mestres passavam no pensamento dos discípulos. Eles sabiam que só se aprende o novo quando as certezas velhas caem. E acontece que eu gosto de passar rasteiras em certezas de jovens e de velhos...

Pois o que eu faço é o seguinte. Lá estão os jovens nos semáforos, de cabeças raspadas e caras pintadas, na maior alegria, celebrando o fato de terem passado no vestibular. Estão pedindo dinheiro para a festa! Eu paro o carro, abro a janela e na maior seriedade digo: "Não vou dar dinheiro. Mas vou dar um conselho. Sou professor emérito da Unicamp. O conselho é este: salvem-se enquanto é tempo!". Aí o sinal fica verde e eu continuo.

"Mas que desmancha-prazeres você é!", vocês me dirão. É verdade. Desmancha-prazeres. Prazeres inocentes baseados no engano. Porque aquela alegria toda se deve precisamente a isto: eles estão enganados.

Estão alegres porque acreditam que a universidade é a chave do mundo. Acabaram de chegar ao último patamar. As celebrações têm o mesmo sentido que os eventos iniciáticos – nas culturas ditas primitivas, as provas a que têm de se submeter os jovens que passaram pela puberdade. Passadas as provas e os seus sofrimentos, os jovens deixaram de ser crianças. Agora são adultos, com todos os seus direitos e deveres. Podem assentar-se na roda dos homens. Assim como os nossos jovens agora podem dizer: "Deixei o cursinho. Estou na universidade".

Houve um tempo em que as celebrações eram justas. Isso foi há muito tempo, quando eu era jovem. Naqueles tempos, um diploma universitário era garantia de trabalho. Os pais se davam como prontos para morrer quando uma destas coisas acontecia: 1) a filha se casava. Isso garantia o seu sustento pelo resto da vida; 2) a filha tirava o diploma de normalista. Isso garantiria o seu sustento caso não casasse; 3) o filho entrava para o Banco do Brasil; 4) o filho tirava diploma.

O diploma era mais que garantia de emprego. Era um atestado de nobreza. Quem tirava diploma não precisava trabalhar com as mãos, como os mecânicos, pedreiros e carpinteiros, que tinham mãos rudes e sujas.

Para provar para todo mundo que não trabalhavam com as mãos, os diplomados tratavam de pôr no dedo um anel com pedra colorida. Havia pedras para todas as profissões: médicos, advogados, músicos, engenheiros. Até os bispos tinham suas pedras.

(Ah! Ia me esquecendo: os pais também se davam como prontos para morrer quando o filho entrava para o seminário para ser padre – aos 45 anos seria bispo – ou para o exército para ser oficial – aos 45 anos seria general.)

Essa ilusão continua a morar na cabeça dos pais e é introduzida na cabeça dos filhos desde pequenos. Profissão honrosa é profissão que tem diploma universitário. Profissão rendosa é a que tem diploma universitário. Cria-se, então, a fantasia de que as únicas opções de profissão são aquelas oferecidas pelas universidades.

Quando se pergunta a um jovem "O que é que você vai fazer?", o sentido dessa pergunta é "Quando você for preencher os formulários do vestibular, qual das opções oferecidas você vai escolher?". E as opções não oferecidas? Haverá alternativas de trabalho que não se encontram nos formulários de vestibular?

Como todos os pais querem que seus filhos entrem na universidade e (quase) todos os jovens querem entrar na universidade, configura-se um mercado imenso, mas imenso mesmo, de pessoas desejosas de diplomas e prontas a pagar o preço. Enquanto houver jovens que não passam nos vestibulares das universidades do Estado, haverá mercado para a criação de universidades particulares. É um bom negócio.

Alegria na entrada. Tristeza ao sair. Forma-se, então, a multidão de jovens com diploma na mão, mas que não conseguem arranjar emprego. Por uma razão aritmética: o número de diplomados é muitas vezes maior que o número de empregos.

Já sugeri que os jovens que entram na universidade deveriam aprender, junto com o curso "nobre" que frequentam, um ofício: marceneiro, mecânico, cozinheiro, jardineiro, técnico de computador, eletricista, encanador, descupinizador, motorista de trator... O rol de ofícios possíveis é imenso. Pena que, nas escolas, as crianças e os jovens não sejam informados sobre essas alternativas, por vezes mais felizes e mais rendosas.

Tive um amigo professor que foi guindado, contra a sua vontade, à posição de reitor de um grande colégio americano no interior de Minas. Ele odiava essa posição porque era obrigado a fazer discursos. E ele tremia de medo de fazer discursos. Um dia ele desapareceu sem explicações. Voltou com a família para o seu país, os Estados Unidos. Tempos depois, encontrei um amigo comum e perguntei: "Como vai o Fulano?". Respondeu-me: "Felicíssimo. É motorista de um caminhão gigantesco que cruza o país!".

(Rubem Alves. Diploma não é solução, Folha de S. Paulo, 25/05/2004.)

TEXTO 2

Com o declínio da velha lavoura e a quase concomitante ascensão dos centros urbanos, precipitada grandemente pela vinda, em 1808, da Corte Portuguesa e depois pela Independência, os senhorios rurais principiam a perder muito de sua posição privilegiada e singular. Outras ocupações reclamam agora igual eminência, ocupações nitidamente citadinas, como a atividade política, a burocracia, as profissões liberais.

É bem compreensível que semelhantes ocupações venham a caber, em primeiro lugar, à gente principal do país, toda ela constituída de lavradores e donos de engenhos. E que, transportada de súbito para as cidades, essa gente carregue consigo a mentalidade, os preconceitos e, tanto quanto possível, o teor de vida que tinham sido atributos específicos de sua primitiva condição.

Não parece absurdo relacionar a tal circunstância um traço constante de nossa vida social: a posição suprema que nela detêm, de ordinário, certas qualidades de imaginação e "inteligência", em prejuízo das manifestações do espírito prático ou positivo. O prestígio universal do "talento", com o timbre particular que recebe essa palavra nas regiões, sobretudo, onde deixou vinco mais forte a lavoura colonial e escravocrata, como o são eminentemente as do Nordeste do Brasil, provém sem dúvida do maior decoro que parece conferir a qualquer indivíduo o simples exercício da inteligência, em contraste com as atividades que requerem algum esforço físico.

O trabalho mental, que não suja as mãos e não fatiga o corpo, pode constituir, com efeito, ocupação em todos os sentidos digna de antigos senhores de escravos e dos seus herdeiros. Não significa forçosamente, neste caso, amor ao pensamento especulativo, - a verdade é que, embora presumindo o contrário, dedicamos, de modo geral, pouca estima às especulações intelectuais - mas amor à frase sonora, ao verbo espontâneo e abundante, à erudição ostentosa, à expressão rara. E que para bem corresponder ao papel que, mesmo sem o saber, lhe conferimos, inteligência há de ser ornamento e prenda, não instrumento de conhecimento e de ação.

Numa sociedade como a nossa, em que certas virtudes senhoriais ainda merecem largo crédito, as qualidades do espírito substituem, não raro, os títulos honoríficos, e alguns dos seus distintivos materiais, como o anel de grau e a carta de bacharel, podem equivaler a autênticos brasões de nobreza. Aliás, o exercício dessas qualidades que ocupam a inteligência sem ocupar os braços, tinha sido expressamente considerado, já em outras épocas, como pertinente aos homens nobres e livres, de onde, segundo parece, o nome de liberais dado a determinadas artes, em oposição às mecânicas que pertencem às classes servis.

(Sérgio Buarque de Holanda. *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1984, p. 50-51)

Assinale a opção que expressa o que há de comum nos Textos 1 e 2.

- a) Os equívocos nas escolhas profissionais dos jovens.
- b) A absorção de profissionais de trabalho intelectual pelo mercado.
- c) O crescimento dos centros urbanos e das profissões que lhes são típicas.
- d) A valorização do trabalho intelectual em detrimento do trabalho manual.
- e) A formação histórico-social da distinção entre o trabalho intelectual e manual.

11. (Unicamp 2016)

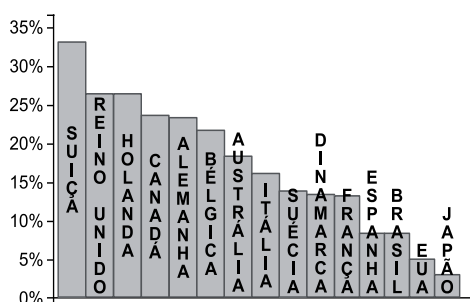


A publicidade acima foi divulgada no site da agência FAMIGLIA no dia 24 de janeiro de 2007, véspera do aniversário de São Paulo, no período em que foi proposta a campanha “Cidade Limpa”. Na base da foto, em letras bem pequenas, está escrito: *Tomara, mas tomara mesmo, que nos próximos aniversários o paulistano comemore uma cidade nova de verdade.*

Considerando os sentidos produzidos por esse anúncio, é correto afirmar:

- a) As duas perguntas e as duas respostas que configuram o texto do *outdoor* na publicidade acima pressupõem que os paulistanos estão discutindo o número de *outdoors* e também o abandono de muitos dos moradores da cidade.
- b) O texto escrito em letras pequenas tem a função de exortar os paulistanos a refletir sobre as próximas eleições e sobre como fazer para que seja estabelecido um conjunto de prioridades socialmente relevantes para toda a sociedade.
- c) A publicidade pretende levar os leitores a perceber que as prioridades estabelecidas pela gestão municipal da cidade não permitem que os paulistanos enxerguem os verdadeiros problemas que estão nas ruas de São Paulo.
- d) A publicidade, composta de texto verbal e imagem, tem como objetivo principal encampar o projeto “Cidade Limpa” elaborado pela gestão municipal e também propor a discussão de outras prioridades para a cidade.

12. (Pucrs 2016) Analise o gráfico com dados referentes aos países com mais cientistas no exterior.



Adaptado de: *Histórias de cientistas brasileiros ajudam a explicar o fenômeno da exportação de cérebros.*
Zero Hora, Planeta Ciência, 24/7/2015.

A partir da análise do gráfico, pode-se concluir que

- Suíça, Reino Unido e Holanda são os países com mais cientistas estrangeiros.
- Espanha e Brasil estão à frente dos Estados Unidos na importação de cientistas estrangeiros.
- quanto menor o percentual de cientistas no exterior, maior é o avanço tecnológico do país.
- enquanto o Japão desponta como o país com menor percentual de cientistas no exterior, a Suíça destaca-se como o maior exportador de cérebros.
- a proximidade, no gráfico, do Brasil com os Estados Unidos sinaliza o fato de que o nosso desenvolvimento tecnológico não está tão atrasado.

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 2 QUESTÕES:

IDEOLOGIA DE GÊNERO?

Elvira Simões Barretto (Professora da UFAL)

Outro dia, estando no elevador, entra uma vizinha, mãe de uma criança de 5 anos, e me diz: "Que bom te ver. Sei que você gosta dessas histórias de gênero... estou assustada recebendo umas mensagens dizendo que o governo quer impor uma ideologia de gênero para as crianças na escola, desde pequenininhas. Mandaram umas cartilhas e estou em pânico; uma coisa horrível".

Nesse mesmo dia, no supermercado, uma conhecida proprietária de uma escola, aborda-me aflita: "[...] Meu Deus... é verdade o que vai acontecer? Nós vamos ter que trabalhar aquelas cartilhas absurdas para as crianças? E essa ideologia de gênero? A gente tem que ensinar às crianças que não existe nem homem nem mulher e incentivar a homossexualidade?"

Passando os dias, fui ficando assustada, pois percebi que havia se instalado uma histeria coletiva em torno do assunto. Vou compartilhar um pouco do que conversei com algumas pessoas. Vejamos: não existem, de forma alguma, cartilhas para introduzir a "ideologia de gênero" nas escolas. O que vem circulando na internet, no WhatsApp e outras mídias não passa de especulações vulgares para confundir, irresponsavelmente, o que realmente está posto para debate e análise, ou seja, a versão preliminar do Plano Estadual de Educação (PEE), encaminhado para a Assembleia Legislativa, aberto para apreciação até o momento de aprovação no parlamento. Sobre a chamada "ideologia de gênero", desconheço formulação séria e fundamentada dessa terminologia tendenciosa.

É importante saber que existem importantes trabalhos de pesquisadores/as, junto com a UNESCO, entre outros órgãos nacionais e internacionais, que se debruçam em questões centrais da vida em sociedade, desde a expressão contundente de barbárie humana, como extermínio de judeus e homossexuais através do nazismo, na Segunda Guerra Mundial. Há de se convir que, ainda hoje, deparamo-nos com traços de barbárie no cotidiano, as distintas expressões de violência, a exemplo: abuso sexual, tráfico de pessoas, mortes de mulheres por parceiros afetivos, assassinato de jovens do sexo masculino, assassinato de pessoas homoafetivas, suicídio de homens em situação de desemprego, perseguição e morte de pessoas de religião de matriz africana. Temas como gênero e diversidade, entre muitos outros, tratados no PEE, trazem a possibilidade de delinear processos educativos que rompam com a cultura da violência.

O problema não é que menino jogue bola ou brinque com dardos, que menina brinque de boneca e de casinha. A questão é a violência da interdição na ultrapassagem dessas fronteiras. Trabalhar a educação para a igualdade das relações de gênero e diversidade, entre outros aspectos, é dizer não à violência. É vislumbrar uma sociedade que não reproduza, por exemplo, homens embrutecidos, autores de violência contra si mesmo e ao outro do mesmo sexo, contra pessoas que fogem do padrão de sexualidade e contra parceiras afetivas.

Disponível em: <http://www.cress16.org.br/noticias/ideologia-de-genero>. Acesso em: 29/08/2015. Adaptado.

13. (Acafe 2016) Sobre o texto, é **correto** o que se afirma em:

- a) De acordo com uma proprietária de uma escola, as cartilhas distribuídas nas escolas pelo governo ensinam às crianças que não existe nem homem nem mulher e incentivam a homossexualidade.
- b) As manifestações contra a denominada “ideologia de gênero” representam, segundo Barretto, uma “histeria coletiva sobre o assunto”, que se fundamenta na adoção de cartilhas para introduzir o assunto nas escolas.
- c) A autora do texto, apesar de se posicionar favoravelmente à inclusão do tema “igualdade das relações de gênero” na educação, afirma que não conhece nenhuma formulação [teórica] séria e fundamentada sobre a tendenciosa “ideologia de gênero”.
- d) De acordo com a autora do texto, a “ideologia de gênero” faz parte da pauta da UNESCO, uma vez que a opção sexual é uma das causas da violência do mundo, desde a Segunda Guerra Mundial.

14. (Acafe 2016) Relativamente ao texto, **todas** as alternativas estão corretas, **exceto** a:

- a) A respeito das cartilhas sobre gênero, o texto apresenta duas informações contraditórias: no primeiro parágrafo, a mãe de uma criança de 5 anos, afirma que “mandaram umas cartilhas” [sobre gênero]; no terceiro parágrafo, a autora nega a existências de cartilhas sobre “ideologia de gênero”.
- b) O principal argumento da autora do texto para justificar a inclusão do tema gênero e diversidade nas escolas fundamenta-se na possibilidade de desenvolver processos educativos que se contraponham à cultura da violência.
- c) A motivação para a produção do texto tem origem no que está posto, para debate e análise, no Plano Estadual de Educação, em apreciação na Assembleia Legislativa, ou seja, a introdução do tema gênero e diversidade nas escolas de Alagoas.
- d) De acordo com a autora, as manifestações contrárias ao que foi proposto no Plano Estadual de Educação pelos representantes da Universidade Federal de Alagoas têm origem em setores conservadores da sociedade, com apoio de pessoas ignorantes, via redes sociais.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

APRENDA A CHAMAR A POLÍCIA!

Tenho sono muito leve, e numa noite dessas notei que havia alguém andando sorrateiramente no quintal de casa.

Levantei em silêncio e fiquei acompanhando os leves ruídos que vinham lá de fora, até ver uma silhueta passando pela janela do banheiro.

Como minha casa era muito segura, com grades nas janelas e trancas internas nas portas, não fiquei muito preocupado, mas era claro que eu não ia deixar um ladrão ali, espiando tranquilamente.

Liguei baixinho para a polícia, informei a situação e o meu endereço. Perguntaram-me se o ladrão estava armado ou se já estava no interior da casa. Esclareci que não e disseram-me que não havia nenhuma viatura por perto para ajudar, mas que iriam mandar alguém assim que fosse possível.

Um minuto depois liguei de novo e disse com a voz calma:

- Oi, eu liguei há pouco porque tinha alguém no meu quintal. Não precisa mais ter pressa. Eu já matei o ladrão com um tiro da escopeta calibre 12, que tenho guardada em casa para estas situações. O tiro fez um estrago danado no cara!

Passados menos de três minutos, estavam na minha rua cinco carros da polícia, um helicóptero, uma unidade do resgate, uma equipe de TV e a turma dos direitos humanos, que não perderiam isso por nada neste mundo.

Eles prenderam o ladrão em flagrante, que ficava olhando tudo com cara de assombrado. Talvez ele estivesse pensando que aquela era a casa do Comandante da Polícia.

No meio do tumulto, um tenente se aproximou de mim e disse:

- Pensei que tivesse dito que tinha matado o ladrão.

Eu respondi:

- Pensei que tivesse dito que não havia nenhuma viatura disponível.

Disponível em: <http://pensador.uol.com.br/frase/OTQzODk4/>. Acesso em: 27/08/2015.
Adaptado. (Autor desconhecido, mas há quem atribua a autoria a Luís Fernando Veríssimo.)

15. (Acafe 2016) Sobre o texto, é **correto** o que se afirma em:

a) O narrador deu dois telefonemas para a polícia: no primeiro, ele falou a verdade, e a polícia respondeu supostamente com uma mentira; no segundo, contou uma mentira, e a polícia entrou em contradição.

b) A oração “[...] que não perderiam isso por nada neste mundo” é ambígua, pois o pronome relativo “que” pode tanto retomar “uma equipe de TV e a turma dos direitos humanos” quanto retomar apenas “a turma dos direitos humanos”.

c) Em “Talvez ele estivesse pensando que aquela era a casa do Comandante da Polícia”, ocorre apenas um pronome, e esse pronome retoma “o ladrão”.

d) Na frase “Esclareci **que** não e disseram-me **que** não havia nenhuma viatura por perto para ajudar, mas **que** iriam mandar alguém assim **que** fosse possível”, todos os “quês” têm a mesma função sintática, isto é, funcionam como conjunções integrantes.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

É POSSÍVEL FAZER EDUCAÇÃO DE QUALIDADE SEM ESCOLA

É possível fazer educação embaixo de um pé de manga? Não só é, como já acontece em 20 cidades brasileiras e em Angola, Guiné-Bissau e Moçambique.

Decepcionado com o processo de “ensinagem”, o antropólogo Tião Rocha pediu demissão do cargo de professor da UFOP (Universidade Federal de Ouro Preto) e criou em 1984 o CPCD (Centro Popular de Cultura e Desenvolvimento).

Curvelo, no Sertão mineiro, foi o laboratório da “escola” que abandonou mesa, cadeira, lousa e giz, fez das ruas a sala de aula e envolveu crianças e familiares na pedagogia da roda. “A roda é um lugar da ação e da reflexão, do ouvir e do aprender com o outro. Todos são educadores, porque estão preocupados com a aprendizagem. É uma construção coletiva”, explica.

O educador diz que a roda constrói consensos. “Porque todo processo eletivo é um processo de exclusão, e tudo que exclui não é educativo. Uma escola que seleciona não educa, porque excluiu alguns. A melhor pedagogia é aquela que leva todos os meninos a aprenderem. E todos podem aprender, só que cada um no seu ritmo, não podemos uniformizar.”

Nesses 30 anos, o educador foi engrossando seu dicionário de terminologias educacionais, todas calcadas no saber popular: surgiu a pedagogia do abraço, a pedagogia do brinquedo, a pedagogia do sabão e até oficinas de cafuné. Esta última foi provocada depois que um garoto perguntou: “Tião, como faço para conquistar uma moleca?” Foi a deixa para ele colocar questões de sexualidade na roda.

Para resolver a falência da educação, Tião inventou uma UTI educacional, em que “mães cuidadoras” fazem “biscoito escrevido” e “folia do livro” (biblioteca em forma de festa) para ajudar na alfabetização. E ainda colocou em uso termos como “empodimento”, após várias vezes ser questionado pelas comunidades: “Pode [fazer tal coisa], Tião?” Seguida da resposta certa: “Pode, pode tudo”.

Aos 66 anos, Tião diz estar convicto de que a escola do futuro não existirá e que ela será substituída por espaços de aprendizagem com todas as ferramentas possíveis e necessárias para os estudantes aprenderem.

“Educação se faz com bons educadores, e o modelo escolar arcaico aprisiona e há décadas dá sinais de falência. Não precisamos de sala, precisamos de gente. Não precisamos de prédio, precisamos de espaços de aprendizado. Não precisamos de livros, precisamos ter todos os instrumentos possíveis que levem o menino a aprender.”

Sem pressa, seguindo a Carta da Terra e citando Ariano Suassuna para dizer que “terceira idade é para fruta: verde, madura e podre”, Tião diz se sentir “privilegiado” de viver o que já viveu e acreditar na utopia de não haver mais nenhuma criança analfabeta no Brasil. “Isso não é uma política de governo, nem de terceiro setor, é uma questão ética”, pontua.

(Qsocial, 09/12/2014. Disponível em http://www.cpcd.org.br/portfolio/e_possivel_fazer_educacao_de_qualidade_100_escola/.)

16. (Unicamp 2016) A partir da identificação de várias expressões nominais ao longo do texto, é correto afirmar que:

- a) As expressões “pedagogia do abraço”, “pedagogia da roda”, “pedagogia do sabão”, “pedagogia do brinquedo”, “oficinas de cafuné” são referências a terminologias educacionais de caráter técnico.
- b) As expressões “biscoito escrevido”, “processo de ensinagem” e “folia do livro” são neologismos criados por meio da manipulação de processos de formação de palavras.
- c) A expressão “escola” está entre aspas porque se refere aos espaços de aprendizagem diferentes da escola tradicional de hoje e que não serão encontrados no futuro.
- d) A expressão “processo eletivo”, compreendida no texto como exclusão social, pressupõe a existência de um projeto educacional que tem por objetivo a uniformização da aprendizagem.

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 3 QUESTÕES:

Segundo informações do Amadeus CarsForum, evento realizado em Miami em 2015, a indústria do turismo cresceu 12,6% no Brasil, o dobro da média mundial. Nunca, em todos os tempos, os brasileiros viajaram tanto, atingindo a média de três viagens ao ano por habitante. Cecília Meireles, a poetisa que, significativamente, intitulou seu primeiro livro de Viagem, dizia que “há as viagens que se sonham e as viagens que se fazem – o que é muito diferente”.

Em algumas questões desta prova de literatura em língua portuguesa, você deverá resolver questões que tratam do viajante, dos lugares percorridos ou imaginados e da experiência da viagem.

17. (Pucrs 2016) Leia o trecho a seguir, retirado de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis.

“Ultimamente, restituído à forma humana, vi chegar um hipopótamo, que me arrebatou. Deixei-me ir, calado, não sei se por medo ou confiança; mas, dentro em pouco, a carreira de tal modo se tornou vertiginosa, que me atrevi a interrogá-lo, e com alguma arte lhe disse que a viagem me parecia sem destino.

– Engana-se, replicou o animal, nós vamos à origem dos séculos.

Insinuei que deveria ser muitíssimo longe; mas o hipopótamo não me entendeu ou não me ouviu, se é que não fingiu uma dessas coisas, e, perguntando-lhe, visto que ele falava, se era descendente do cavalo de Aquiles ou da asna de Balão, retorquiu-me com um gesto peculiar a estes dois quadrúpedes: abanou as orelhas. Pela minha parte fechei os olhos e deixei-me ir à ventura. Já agora não se me dá de confessar que sentia umas tais ou quais cócegas de curiosidade, por saber onde ficava a origem do Nilo, e sobretudo se valia alguma coisa mais ou menos que a consumação dos mesmos séculos: reflexões de cérebro enfermo. Como ia de olhos fechados, não via o caminho; lembra-me só que a sensação de frio aumentava com a jornada, e que chegou uma ocasião em que me pareceu entrar na região dos gelos eternos.”

Todas as afirmativas estão corretamente associadas ao texto, **EXCETO**:

- a) O texto configura uma tomada de consciência da personalidade dividida entre o eu e a realidade objetiva, tema frequente no final do século XIX, por influência dos avanços da ciência e da psicanálise.
- b) Machado de Assis foi um escritor que fez uso reiterado da ironia que, nesse texto, expressa-se na personificação do animal e na sua capacidade de retornar aos tempos primordiais.
- c) A aventura de Brás Cubas, cavalgando um hipopótamo, em direção à origem dos séculos, configura um tipo de viagem diferente, pois se dá através do delírio da personagem machadiana.
- d) O narrador vale-se do recurso da humanização dos animais para expressar o sentimento de medo ao enfrentar uma viagem sem destino.
- e) As referências à mitologia clássica, comuns em Machado de Assis, costumam configurar uma perspectiva humorística, que, no caso de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, aparece no parentesco entre o cavalo de Aquiles e o hipopótamo.

18. (Pucrs 2016) Leia o trecho abaixo, de Lygia Fagundes Telles, retirado da obra *Passaporte para a China*.

“Rio de Janeiro, 24 de setembro de 1960.

Diz o horóscopo que os do signo de Áries não devem de modo algum se arriscar no dia de hoje. Sou do signo de Áries e daqui a pouco, em plena noite, devo embarcar num avião a jato para a China. Escalas? Dacar, Paris, Praga, Omsk, Irkutsk e finalmente Pequim. Quer dizer, atravessarei quatro continentes: América, África, Europa e Ásia. É continente demais, hein! Melhor tomar antes um chope duplo ali no bar do Lucas, defronte ao mar de Copacabana, ficar ouvindo a voz espumante das ondas e esquecer que passarei horas e horas “naquela coisa” que às vezes a gente ouve cortar o céu tão rapidamente e com um silvo tão desesperado que quando se olha para as nuvens não se vê mais nada. Nada.”

Com base no texto selecionado e na obra de Lygia Fagundes Teles, analise as seguintes afirmativas:

- I. A narradora enfrenta a ideia de voar com expectativa, pois, além do país asiático, conhecerá outras cinco cidades.
- II. O texto expressa os sentimentos de uma viajante momentos antes da partida, enfrentando o pânico de cruzar o planeta para conhecer um país distante.
- III. O emprego reiterado de aliterações no último parágrafo sugere a ideia da velocidade que provoca temor na viajante supersticiosa.

A(s) afirmativa(s) correta(s) é/são:

- a) I, apenas.
- b) II, apenas.
- c) I e III, apenas.
- d) II e III, apenas.
- e) I, II e III.

19. (Pucrs 2016) Leia o fragmento de um capítulo do romance *Dois irmãos*, de Milton Hatoum, e analise a pintura da artista brasileira Tarsila Amaral, intitulada “O porto”.

Quando Yaqub chegou do Líbano, o pai foi buscá-lo no Rio de Janeiro. O cais Pharoux estava apinhado de parentes de pracinhas e oficiais que regressavam da Itália. Bandeiras brasileiras enfeitavam o balcão e a varanda dos apartamentos da Glória, rojões espocavam o céu, e para onde o pai olhava havia sinais de vitória. Ele avistou o filho no portaló do navio que acabara de chegar de Marselha. Não era mais o menino, mas o rapaz que passara cinco anos dos seus dezoito anos no sul do Líbano. O andar era o mesmo: passos rápidos e firmes que davam ao corpo um senso de equilíbrio e uma rigidez impensável no andar do outro filho, o Caçula.



Com base no texto e/ou na figura, **NÃO** é correto afirmar:

- O fragmento acima, retirado do romance *Dois irmãos*, de Milton Hatoum, descreve a chegada de um jovem ao Rio de Janeiro, num dia de muita movimentação e alegria, características reforçadas pelo narrador através da plasticidade da linguagem.
- O quadro de Tarsila do Amaral, que retrata uma cena do porto no Rio de Janeiro, privilegia a representação de elementos naturais e náuticos em contraste com o bulício humano descrito por Hatoum.
- A obra de Tarsila do Amaral vincula-se à tendência cubista da poesia brasileira do final do século XX e expressa sua coerência com a descrição caótica do cais Pharoux, de Milton Hatoum.
- Na representação pictórica do porto, Tarsila do Amaral dá protagonismo aos navios, que enchem a tela, secundados pela paisagem da cidade ao fundo.
- Yaqub, o filho que retornou do Líbano, se fosse retratado em um quadro, não poderia ser apresentado em formas claras e nítidas, em tudo distinto de seu irmão Caçula, que permaneceu no Brasil.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Responda à(s) quest(ões) a seguir com base no texto abaixo.

As transformações que _____ ocorrido na sociedade ¹contemporânea, ²em especial a partir dos anos 70, _____ propiciando mudanças nas relações científicas estabelecidas com o ambiente internacional. Um evento norteador das transformações sociais e ³decisivo para ⁴essas mudanças foi a globalização, que _____ fortes evidências do entrosamento entre ciência e sociedade e _____ ⁵a dinâmica de produção do conhecimento, com efeitos no ensino superior ⁶sobretudo, realçando a importância da internacionalização nas funções de transmitir e produzir conhecimento.

Universidade, ciência, inovação e sociedade. 36º Encontro Anual da ANPOCS. (Texto adaptado)

20. (Pucrs 2016) A frase que melhor sintetiza a ideia central do texto é

- Os anos 70 promoveram um novo processo de produção de conhecimento.
- As transformações da sociedade contemporânea são resultado da globalização.
- O ensino superior desencadeou transformações sociais decorrentes da globalização.
- A globalização transformou as relações científicas, promovendo a internacionalização do conhecimento.
- A transmissão e a produção do conhecimento no ensino superior alteraram a relação entre ciência e sociedade.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia o texto a seguir e responda à(s) questão(ões).

A vida em grandes metrópoles apresenta atributos que consideramos sinônimos de progresso, como facilidades de acesso aos bens de consumo, oportunidades de trabalho, lazer, serviços, educação, saúde etc. Por outro lado, em algumas delas, devido à grandiosidade dessas cidades e aos milhões de cidadãos que ali moram, existem muito mais problemas do que benefícios. Seus habitantes sabem como são complicados o trânsito, a segurança pública, a poluição, os problemas ambientais, a habitação etc. Sem dúvida, são desafios que exigem muito esforço não só dos governantes, mas também de todas as pessoas que vivem nesses lugares.

Essas cidades convivem ao mesmo tempo com a ordem e o caos, com a pobreza e a riqueza, com a beleza e a feiura. A tendência das coisas de se desordenarem espontaneamente é uma característica fundamental da natureza. Para que ocorra a organização, é necessária alguma ação que restabeleça a ordem. É o que acontece nas grandes cidades: despoluir um rio, melhorar a condição de vida dos seus habitantes e diminuir a violência, por exemplo, são tarefas que exigem muito trabalho e não acontecem espontaneamente. Se não houver qualquer ação nesse sentido, a tendência é que prevaleça a desorganização. Em nosso cotidiano, percebemos que é mais fácil deixarmos as coisas desorganizadas do que em ordem. A ordem tem seu preço. Portanto, percebemos que há um embate constante na manutenção da vida e do universo contra a desordem. A luta contra a desorganização é travada a cada momento por nós. Por exemplo, desde o momento da nossa concepção, a partir da fecundação do óvulo pelo espermatozoide, nosso organismo vai se desenvolvendo e ficando mais complexo. Partimos de uma única célula e chegamos à fase adulta com trilhões delas, especializadas para determinadas funções. Entretanto, com o passar dos anos, envelhecemos e nosso corpo não consegue mais funcionar adequadamente, ocorre uma falha fatal e morremos. O que se observa na natureza é que a manutenção da ordem é fruto da ação das forças fundamentais, que, ao interagirem com a matéria, permitem que esta se organize. Desde a formação do nosso planeta, há cerca de 5 bilhões de anos, a vida somente conseguiu se desenvolver às custas de transformar a energia recebida pelo Sol em uma forma útil, ou seja, capaz de manter a organização. Para tal, pagamos um preço alto: grande parte dessa energia é perdida, principalmente na forma de calor. Dessa forma, para que existamos, pagamos o preço de aumentar a desorganização do nosso planeta. Quando o Sol não puder mais fornecer essa energia, dentro de mais 5 bilhões de anos, não existirá mais vida na Terra. Com certeza a espécie humana já terá sido extinta muito antes disso.

(Adaptado de: OLIVEIRA, A. O Caos e a Ordem. Ciência Hoje. Disponível em: <<http://cienciahoje.uol.com.br/colunas/fisica-sem-misterio/o-caos-ea-ordem>>. Acesso em: 10 abr. 2015.)

21. (Uel 2016) Segundo o texto, as cidades convivem ao mesmo tempo com a ordem e o caos, com a pobreza e a riqueza, com a beleza e a feiura. Esses aspectos da vida urbana são evidenciados em muitas manifestações artísticas. Efigênia Rolim produz e traveste-se com roupas e acessórios feitos de papéis de bala, e de restos de outros materiais; declama poemas e histórias criados por ela, em espaços públicos, o que resulta em um ato performativo que chama a atenção para os problemas ecológicos. Jum Nakao confeccionou um vestido, *Luxdelix*, com sacos de lixo para um ensaio fotográfico em um lixão a céu aberto no Rio de Janeiro.



Efigênia em ação: Feira do Largo da Ordem, Curitiba, 2006



Jum Nakao, *Luxdelix*, vestido feito com sacos de lixo, 2008

Acerca dessas manifestações artísticas na contemporaneidade, atribua V (verdadeiro) ou F (falso) às afirmativas a seguir.

- () Manifestações como as de Efigênia Rolim e Jum Nakao são parte de um programa de reciclagem dos detritos industriais para reduzir o problema do lixo nas grandes cidades.
- () As intervenções de Efigênia Rolim minimizam as fronteiras entre as produções visuais, cênicas e literárias.
- () Em Luxdelix, a presença da ironia, ao aproximar luxo e lixo, evidencia o aspecto crítico da obra.
- () As manifestações de Efigênia estão em sintonia com os paradoxos presentes nas cidades.
- () Para Efigênia Rolim e Jum Nakao, arte e vida são instâncias separadas e isto pode ser notado na escolha dos materiais que constituem seus trabalhos.

Assinale a alternativa que contém, de cima para baixo, a sequência correta.

- a) V, V, V, F, F.
 b) V, F, F, V, V.
 c) F, V, V, V, F.
 d) F, F, V, F, V.
 e) F, F, F, V, V.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

A(s) quest(ões) a seguir refere(m)-se ao texto a seguir:

¹*Vou confessar um pecado: às vezes, faço maldades. Mas não faço por mal. Faço o que faziam os mestres zen com seus "koans". "Koans" eram rasteiras que os mestres passavam no pensamento dos discípulos. Eles sabiam que só se aprende o novo quando as certezas velhas caem. E acontece que eu gosto de passar rasteiras em certezas de jovens e de velhos...*

Pois o que eu faço é o seguinte. Lá estão os jovens nos semáforos, de cabeças raspadas e caras pintadas, na maior alegria, celebrando o fato de terem passado no vestibular. Estão pedindo dinheiro para a festa! Eu paro o carro, abro a janela e na maior seriedade digo: "Não vou dar dinheiro. Mas vou dar um conselho. Sou professor emérito da Unicamp. ²O conselho é este: salvem-se enquanto é tempo!". ³Aí o sinal fica verde e eu continuo.

"Mas que desmancha-prazeres você é!", vocês me dirão. É verdade. Desmancha-prazeres. Prazeres inocentes baseados no engano. Porque aquela alegria toda se deve precisamente a isto: eles estão enganados.

Estão alegres porque acreditam que a universidade é a chave do mundo. ⁴Acabaram de chegar ao último patamar. ⁵As celebrações têm o mesmo sentido que os eventos iniciáticos – nas culturas ditas primitivas, ⁶as provas a que têm de se submeter os jovens que passaram pela puberdade. Passadas as provas e os seus sofrimentos, os jovens deixaram de ser crianças. Agora são adultos, com todos os seus direitos e deveres. Podem assentar-se na roda dos homens. Assim como os nossos jovens agora podem dizer: "Deixei o cursinho. Estou na universidade".

Houve um tempo em que as celebrações eram justas. Isso foi há muito tempo, quando eu era jovem. Naqueles tempos, um diploma universitário era garantia de trabalho. Os pais se davam como prontos para morrer quando uma destas coisas acontecia: 1) a filha se casava. Isso garantia o seu sustento pelo resto da vida; 2) a filha tirava o diploma de normalista. Isso garantiria o seu sustento caso não casasse; 3) o filho entrava para o Banco do Brasil; 4) o filho tirava diploma.

⁷O diploma era mais que garantia de emprego. Era um atestado de nobreza. Quem tirava diploma não precisava trabalhar com as mãos, ⁸como os mecânicos, pedreiros e carpinteiros, que tinham mãos rudes e sujas.

Para provar para todo mundo que não trabalhavam com as mãos, os diplomados tratavam de pôr no dedo um anel com pedra colorida. Havia pedras para todas as profissões: médicos, advogados, músicos, engenheiros. Até os bispos tinham suas pedras.

(Ah! la me esquecendo: os pais também se davam como prontos para morrer quando o filho entrava para o seminário para ser padre – aos 45 anos seria bispo – ou para o exército para ser oficial – aos 45 anos seria general.)

Essa ilusão continua a morar na cabeça dos pais e é introduzida na cabeça dos filhos desde pequenos. ⁹Profissão honrosa é profissão que tem diploma universitário. Profissão rendosa é a que tem diploma universitário. Cria-se, então, a fantasia de que as únicas opções de profissão são aquelas oferecidas pelas universidades.

Quando se pergunta a um jovem "O que é que você vai fazer?", o sentido dessa pergunta é "Quando você for preencher os formulários do vestibular, qual das opções oferecidas você vai escolher?". E as opções não oferecidas? Haverá alternativas de trabalho que não se encontram nos formulários de vestibular?

Como todos os pais querem que seus filhos entrem na universidade e (quase) todos os jovens querem entrar na universidade, ¹⁰configura-se um mercado imenso, mas imenso mesmo, de pessoas desejosas de diplomas e prontas a pagar o preço. Enquanto houver jovens que não passam nos vestibulares das universidades do Estado, haverá mercado para a criação de universidades particulares. É um bom negócio.

¹¹Alegria na entrada. Tristeza ao sair. Forma-se, então, a multidão de jovens com diploma na mão, mas que não conseguem arranjar emprego. Por uma razão aritmética: o número de diplomados é muitas vezes maior que o número de empregos.

Já sugeri que os jovens que entram na universidade deveriam aprender, junto com o curso "nobre" que frequentam, um ofício: marceneiro, mecânico, cozinheiro, jardineiro, técnico de computador, eletricista, encanador, descupinizador, motorista de trator... O rol de ofícios possíveis é imenso. Pena que, nas escolas, as crianças e os jovens não sejam informados sobre essas alternativas, por vezes mais felizes e mais rendosas.

¹²Tive um amigo professor que foi guindado, contra a sua vontade, à posição de reitor de um grande colégio americano no interior de Minas. Ele odiava essa posição porque era obrigado a fazer discursos. ¹³E ele tremia de medo de fazer discursos. Um dia ele desapareceu sem explicações. Voltou com a família para o seu país, os Estados Unidos. Tempos depois, encontrei um amigo comum e perguntei: "Como vai o Fulano?". Respondeu-me: "Felicíssimo. ¹⁴É motorista de um caminhão gigantesco que cruza o país!".

(Rubem Alves. Diploma não é solução, Folha de S. Paulo, 25/05/2004.)

22. (Ita 2016) Assinale a opção em que o verbo **ter** apresenta valor semântico diferente das demais.

- a) As celebrações têm o mesmo sentido que os eventos iniciáticos [...]. (referência 5)
- b) [...] as provas a que têm de se submeter os jovens que passaram pela puberdade. (referência 6)
- c) [...] como os mecânicos, pedreiros e carpinteiros, que tinham as mãos rudes e sujas. (referência 8)
- d) Profissão honrosa é profissão que tem diploma universitário. (referência 9)
- e) Tive um amigo professor que foi guindado, contra a sua vontade, à posição de reitor [...] (referência 12)

23. (Pucrs 2015) Leia o excerto do conto "Pai contra a mãe", de Machado de Assis, e preencha os parênteses com V (verdadeiro) ou F (falso).

Cândido Neves perdera já o ofício de entalhador, como abrira mão de outros muitos, melhores ou piores. Pegar escravos fugidos trouxe-lhe um encanto novo. Não obrigava a estar longas horas sentado. Só exigia força, olho vivo, paciência, coragem e um pedaço de corda. Cândido Neves lia os anúncios, copiava-os, metia-os no bolso e saía às pesquisas. Tinha boa memória. Fixados os sinais e os costumes de um escravo fugido, gastava pouco tempo em achá-lo, segurá-lo, amarrá-lo e levá-lo. A força era muita, a agilidade também. Mais de uma vez, a uma esquina, conversando de cousas remotas, via passar um escravo como os outros, e descobria logo que ia fugido, quem era, o nome, o dono, a casa deste e a gratificação; interrompia a conversa e ia atrás do vicioso. Não o apanhava logo, espreitava lugar azado, e de um salto tinha a gratificação nas mãos. Nem sempre saía sem sangue, as unhas e os dentes do outro trabalhavam, mas geralmente ele os venciam sem o menor arranhão. Um dia os lucros entraram a escassear. Os escravos fugidos não vinham já, como dantes, meter-se nas mãos de Cândido Neves.

Havia mãos novas e hábeis. Como o negócio crescesse, mais de um desempregado pegou em si e numa corda, foi aos jornais, copiou anúncios e deitou-se à caçada. No próprio bairro havia mais de um competidor. Quer dizer que as dívidas de Cândido Neves começaram de subir, sem aqueles pagamentos prontos ou quase prontos dos primeiros tempos. A vida fez-se difícil e dura. Comia-se fiado e mal; comia-se tarde. O senhorio mandava pelos aluguéis.

Com base no texto literário e na obra de Machado de Assis, afirmar-se:

() No excerto do conto, o narrador-personagem evidencia um tipo de intromissão que coloca sob suspeita a sua descrição dos fatos.

() Apesar da crueldade da atividade, a profissão de caçador de escravos acabou se transformando numa possibilidade de sustento financeiro para uma série de pessoas que já não encontravam um ofício no cotidiano.

() O conto “O Caso da Vara” também tematiza a questão da escravidão ao retratar o castigo da jovem escrava Lucrecia.

() O tema do racismo não se mostra preponderante nas principais obras machadianas. A sequência correta de preenchimento dos parênteses, de cima para baixo, é

a) V – V – F – F

b) V – F – V – F

c) V – F – F – V

d) F – V – F – V

e) F – V – V – V

24. (Ita 2015) Em *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, Bentinho toma alguns episódios como evidências da traição de Capitu, dentre os quais NÃO consta

a) a impressionante semelhança entre Ezequiel, tanto criança como adulto, e Escobar.

b) o encontro dele com Escobar na porta de sua casa, quando retorna mais cedo do teatro.

c) o fato de Dona Glória, a mãe dele, começar a mostrar-se fria com a nora e com o neto.

d) a emoção de Capitu no velório de Escobar, quando ela tenta em vão disfarçar o choro.

e) a cena em que ele a vê escrevendo uma carta a Escobar, mas ela diz que está fazendo contas.

25. (Unicamp 2015) Leia o seguinte excerto de *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis:

Deixa lá dizer Pascal que o homem é um caniço pensante. Não; é uma errata pensante, isso sim. Cada estação da vida é uma edição, que corrige a anterior, e que será corrigida também, até a edição definitiva, que o editor dá de graça aos vermes.

ASSIS, Machado de. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001, p.120.

Na passagem citada, a substituição da máxima pascalina de que o homem é um caniço pensante pelo enunciado “o homem é uma errata pensante” significa

a) a realização da contabilidade dos erros acumulados na vida porque, em última instância, não há “edição definitiva”.

b) a tomada de consciência do caráter provisório da existência humana, levando à celebração de cada instante vivido.

c) a tomada de consciência do caráter provisório da existência humana e a percepção de que esta é passível de correção.

d) a ausência de sentido em “cada estação da vida”, já que a morte espera o homem em sua “edição definitiva”.

26. (Unicamp 2015) Sobre *A Cidade e as Serras*, de Eça de Queirós, é correto afirmar:

a) A descrição do espaço parisiense no romance retrata exclusivamente o submundo de uma metrópole do final do século XIX e revela as contradições do processo de urbanização.

b) O romance, cuja primeira edição é de 1901, faz uma apologia da vida urbana e do desenvolvimento técnico que marcaram o final do século XIX nas grandes cidades europeias.

c) No romance, Zé Fernandes é uma personagem secundária que ganha importância no desenvolvimento da narrativa, ao apresentar a “seu Príncipe”, Jacinto, a luxuosa Paris.

d) No romance, é das rendas provenientes de propriedades agrícolas em Portugal que provém o sustento da cara e refinada vida de Jacinto em Paris.

- 27. (Ita 2015)** No romance *Senhora*, José de Alencar mostra que
- o dinheiro e a ambição impedem a realização do amor entre Aurélia e Seixas.
 - Aurélia, moça de origem pobre, conquistou o amor de Seixas só porque enriqueceu.
 - o amor de Aurélia teve força suficiente para regenerar o caráter de Seixas.
 - Seixas se regenerou moralmente por si mesmo, independentemente de Aurélia.
 - o meio social corrompeu de uma vez por todas o caráter de Seixas.

- 28. (Acafe 2015)** Sobre a obra *Agosto*, de Rubem Fonseca, é **correto** o que se afirma em:
- Esse romance tem um enredo complexo: o enigma inicial se dá através de um assassino frio que desenha, com uma faca, uma letra “P” no rosto de cada vítima. Mas esse não é o único crime que o leitor devesse descobrir em parceria com Mandrake e Wexler.
 - O comissário Mattos participou ativamente do movimento que culminou no golpe de 64, fiel à crença em certos valores capitalistas como o individualismo, que se realiza por meio da liberdade.
 - Em relação aos acontecimentos políticos, o livro *Agosto* se refere ao início do governo Vargas e ao combate a corrupção que nele ocorria. Este início de governo foi marcado pelo famigerado atentado da rua Toneleros, na qual o alvo era o deputado federal Carlos Lacerda, maior opositor do presidente recém-empossado.
 - O espaço e a cidade do Rio de Janeiro (“Vamos para a rua Tonelero, em Copacabana. É lá que o Corvo mora.”). O tempo é escrito de uma forma que cada um dos capítulos corresponde a um dia do mês de agosto do ano 1954 (“Ao amanhecer daquele dia 1º de Agosto de 1954, o comissário de polícia Alberto Mattos, cansado e com dor de estômago, colocou dois comprimidos de antiácido na boca.”).

29. (Pucrs 2015) Leia o excerto do romance *Viva o povo brasileiro*, de João Ubaldo Ribeiro.

- O senhor sabe quem foi Dadinha, meu avô?
- Então não sei? Não foi nada, não foi coisa nenhuma, foi uma velha gorda, corró, mentirosa, safadosa...
- Não foi minha bisavó? Mãe de Turíbio Cafubá?
- Mãe de... Quem é que está te contando essas coisas? Isso é negócio daquele velho broco Zé Pinto, eu vou pegar um cacete e tacar umas porretadas na cabeça dele, para ele deixar de ser abelhudo e enxerido, quem é que tá te contando essas coisas?
- Por que o senhor não me conta também? O nome de minha mãe, o nome verdadeiro, era Naê? Quem foi o caboco Capiroba?
- Caboco capiroba? E nunca teve nenhuns cabocos Capirobas, menina, nunca teve nada disso, isso é tudo linda! Mas será possível que eu te mando para a escola com pensionato, te boto com a melhor professora, [...] e tu agora resolve crescer com rabo de cavalo, desaprender, se prepara pra ser uma nega preta veia, em vez de gente?

Com base no texto e na obra de João Ubaldo Ribeiro, analise as afirmativas.

- A neta tem alguma consciência de suas raízes e procura conhecer sua genealogia.
- O avô recusa-se a falar dos antepassados da neta, pois considera o assunto vergonhoso.
- No seu romance *Sargento Getúlio*, João Ubaldo Ribeiro propõe um longo monólogo de um Sargento da Polícia Militar, aproximando-se esteticamente de uma variante caboclo-sertaneja, também presente em Guimarães Rosa.

Está/Estão correta(s) a(s) afirmativa(s)

- I, apenas.
- II, apenas.
- I e II, apenas.
- II e III, apenas.
- I, II, III.

30. (Pucrs 2015) Leia o excerto do texto dramático *O auto da Compadecida*, de Ariano Suassuna.

MANUEL – *Sim, é Manuel, o Leão de Judá, o Filho de Davi. Levantem-se todos pois vão ser julgados.*

JOÃO GRILO – *Apesar de ser um sertanejo pobre e amarelo, sinto que estou diante de uma grande figura. Não quero faltar com o respeito a uma pessoa tão importante, mas, se não me engano, aquele sujeito acaba de chamar o senhor de Manuel.*

MANUEL – *Foi isso mesmo, João. Esse é um dos meus nomes, mas você pode me chamar também de Jesus, de Senhor, de Deus... Ele gosta de me chamar de Manuel ou Emanuel, porque assim quer se persuadir de que sou somente homem. Mas você, se quiser, pode me chamar de Jesus.*

JOÃO GRILO – *Jesus?*

MANUEL – *Sim.*

JOÃO GRILO – *Mas espere, o senhor é que é Jesus?*

MANUEL – *Sou.*

JOÃO GRILO – *Aquele a quem chamavam Cristo?*

JESUS – *A quem chamavam, não, que era Cristo. Sou, por quê?*

JOÃO GRILO – *Porque... não é lhe faltando com o respeito não, mas eu pensava que o senhor era muito menos queimado. [...] A cor pode não ser das melhores, mas o senhor fala bem que faz gosto. [...]*

MANUEL – *Muito obrigado, João, mas agora é sua vez. Você é cheio de preconceito de raça. Vim hoje assim de propósito, porque sabia que ia despertar comentários. Que vergonha! Eu, Jesus, nasci branco e quis nascer judeu, como podia ter nascido preto. Para mim tanto faz um branco ou um preto. Você pensa que sou americano para ter preconceito de raça?*

Com base no diálogo e na obra literária de Ariano Suassuna, analise as afirmativas.

- I. João Grilo mostra-se desrespeitoso diante de um Jesus negro, que não corresponde às suas expectativas.
- II. Na sua fala, Manuel demonstra que o valor das pessoas independe da cor da pele.
- III. O companheiro inseparável de João Grilo, Chicó, é um contador de estórias que se caracteriza como uma espécie de mentiroso ingênuo.
- IV. A obra dramática de Ariano Suassuna mostra-se alinhada a uma tradição literária ibérica que apresenta obras fundacionais, como o *Auto da barca do Inferno*, de Gil Vicente.

Estão corretas as afirmativas

- a) I e II, apenas.
- b) III e IV, apenas.
- c) I, II e III, apenas.
- d) II, III e IV, apenas.
- e) I, II, III, IV.

31. (Pucrs 2015) Leia o excerto do romance *Jubiabá*, de Jorge Amado.

Foi quando o alemão voou para cima dele querendo acertar no outro olho de Balduíno. O negro livrou o corpo com um gesto rápido e como a mola de uma máquina que se houvesse partido distendeu o braço bem por baixo do queixo de Ergin, o alemão. O campeão da Europa central descreveu uma curva com o corpo e caiu com todo o peso.

A multidão rouca aplaudia em coro:

- BAL-DO... BAL-DO... BAL-DO...

O juiz contava:

- Seis... sete... oito...

Antônio Balduíno olhava satisfeito o branco estendido aos seus pés.

Com base no diálogo e na obra de Jorge Amado, considere as afirmativas.

I. A luta entre Antônio Balduino e Ergin pode ser interpretada como uma metáfora dos conflitos entre o branco europeu e o negro brasileiro.

II. Ao longo dos seus diferentes romances, Jorge Amado constrói um projeto estético baseado principalmente na representação do intimismo e do lirismo.

III. Nos romances *Tereza Batista, cansada de guerra* e *Memorial de Maria Moura*, o escritor baiano explora basicamente o universo erótico feminino em diferentes perspectivas sociais.

IV. O romance *Capitães de areia* apresenta um detalhado quadro da marginalidade infantil urbana, ao retratar crianças de rua, como Pedro Bala, Sem Pernas e Pirulito.

Está/Estão correta(s) a(s) afirmativa(s)

- a) I, apenas.
- b) I e IV, apenas.
- c) II e III, apenas.
- d) I, II e IV, apenas.
- e) I, II, III, IV.

32. (Imed 2015) Leia o fragmento abaixo:

Era uma noite fria de lua cheia. As estrelas cintilavam sobre a cidade de Santa Fé, que de tão quieta e deserta parecia um cemitério abandonado. Era tanto silêncio e tão leve o ar, que se alguém aguçasse o ouvido talvez pudesse até escutar o sereno na solidão. Agachado atrás dum muro, José Lírio preparava-se para a última corrida. Quantos passos dali até a igreja? Talvez uns dez ou doze, bem puxados. Recebera ordens para revezar o companheiro que estava de vigia no alto duma das torres da Matriz.

O fragmento acima apresenta o Tenente Liroca, engajado na revolução como federalista, e se trata do parágrafo introdutório do primeiro volume da trilogia _____, de _____, também autor de _____, _____ e _____.

Assinale a alternativa que preenche, correta e respectivamente, as lacunas do trecho acima.

- a) O tempo e o vento – Erico Verissimo – Fantoches – Deus de Caim – Senhora
- b) A ferro e fogo – Josué Guimarães – Tambores Silenciosos – Depois do último trem – Camilo Mortágua
- c) O tempo e o vento – Erico Verissimo – Clarissa – Incidente em Antares – O resto é silêncio
- d) A ferro e fogo – Josué Guimarães – Dona Anja – Enquanto a noite não chega – Amor de perdição
- e) A guerra no Bom Fim – Moacyr Scliar – O centauro no Jardim – A mulher que escreveu a Bíblia – Max e os felinos

33. (Pucrs 2015) Leia o trecho do romance *A escrava Isaura*, de Bernardo Guimarães.

– Não gosto que a cantes, não, Isaura. Não de pensar que és maltratada, que és uma escrava infeliz, vítima de senhores bárbaros e cruéis. Entretanto passas aqui uma vida que faria inveja a muita gente livre. Gozas da estima de teus senhores. Deram-te uma educação como não tiveram muitas ricas e ilustres damas que eu conheço. És formosa, e tens uma cor linda, que ninguém dirá que gira em tuas veias uma só gota de sangue africano. [...]

– Mas senhora, apesar de tudo isso, que sou eu mais do que uma simples escrava? Essa educação que me deram e essa beleza, que tanto me gabam, de que me servem?... São trastes de luxo colocados na senzala do africano. A senzala nem por isso deixa de ser o que é: uma senzala.

– Queixas-te de tua sorte, Isaura?

– Eu não, senhora; não tenho motivo... o que quero dizer com isto é que, apesar de todos esses dotes e vantagens que me atribuem, sei conhecer o meu lugar.

Com base no texto e no contexto do qual o fragmento acima faz parte, afirma-se:

I. De acordo com a primeira fala, a cor de Isaura é apontada como uma possível negação de sua origem africana.

II. Apesar de alguns questionamentos acerca da senzala, a escrava parece resignada ao lugar que ela ocupa na sociedade da época.

III. A obra *A Escrava Isaura*, de Bernardo Guimarães, integra um dos momentos cruciais do realismo literário brasileiro, no qual os autores se mostravam preocupados com a crítica social.

Está/Estão correta(s) a(s) afirmativa(s)

a) I, apenas.

b) II, apenas.

c) I e II, apenas.

d) II e III, apenas.

e) I, II, III.

34. (Pucrs 2015) Leia o excerto do texto dramático *Os negros (esboço de uma peça?)*, de Lima Barreto, e preencha os parênteses com V (verdadeiro) ou F (falso).

3º Negro – *Os navios, que não nos vejam eles... Quando vim, da minha terra, dentro deles... Que coisa! Era escuro, molhado... Estava solto e parecia que vinha amarrado pelo pescoço. Melhor vale a fazenda...*

2º Negro – *É longe a tua terra? Lá só há negro?*

3º Negro – *Não sei... Não sei... Era pequeno. Andei uma porção de dias. As pernas doíam-me, os braços, o corpo, e carregavam muito peso. Se queria descanso, lá vinham uns homens com chicotes. Vínhamos muitos de vários lugares. Cada qual falava uma língua. Não nos entendíamos. Todo o dia, morriam dois, quatro; e os urubus acompanhavam-nos sempre.*

– *Minha terra... Não sei... Era perto de um rio, muito largo, como o mar, mas roncava mais... Sim! Tudo era negro lá... Um dia, houve um grande estrépito, barulho, tiros e quando dei acordo de mim estava atado, amarrado e... marchei... Não sei... Não sei...*

– *Negra Velha – Eu não sei nada mais donde vim. Foi dos ares ou do inferno? Não me lembro...*

Com base no texto selecionado e na obra de Lima Barreto, afirma-se:

() A fala dos escravos evidencia que, além da perda da liberdade, os negros tiveram suas raízes subtraídas pela escravidão.

() O emprego reiterado de recursos expressivos, como a antítese e a sinestesia, aproxima a linguagem do texto dramático à estética simbolista.

() Uma das principais obras de Lima Barreto, *Triste fim de Policarpo Quaresma*, caracteriza-se por uma forte crítica às forças opressoras escravocratas durante o período colonial.

A sequência correta de preenchimento dos parênteses, de cima para baixo, é

a) V – V – F

b) V – F – F

c) V – F – V

d) F – V – V

e) F – F – V

35. (Ita 2015) O poema abaixo, de Manuel Bandeira, pertence ao livro *Lira dos cinqüentanos*.

Velha chácara

A casa era por aqui...

Onde? Procuro-a e não acho.

Ouçõ uma voz que esqueci:

É a voz deste mesmo riacho.

Ah quanto tempo passou!

(Foram mais de cinquenta anos.)

Tantos que a morte levou!

(E a vida... nos desenganos...)

A usura fez tábua rasa

Da velha chácara triste:

Não existe mais a casa...

– Mas o menino ainda existe.

O poema apresenta uma diferença entre
I. o passado (a infância) e o presente (a velhice) vivido pelo eu lírico.
II. um espaço puramente natural (o campo) e outro sociofamiliar (a casa).
III. o que é desfeito pelo tempo (a casa) e o que ele não apaga (a lembrança).
IV. a chácara (espaço ideal) e a cidade (espaço arrasado pela usura).
Estão corretas apenas:

- a) I, II e III.
- b) I, II e IV.
- c) II e III.
- d) II, III e IV.
- e) III e IV.

36. (Imed 2015) Leia o epigrama a seguir:

COMBINAÇÃO DE CORES

Verdamarelo

Dá azul?

Não.

Dá azar.

(Jacó Pum-pum)

“Combinação de Cores” é um exemplo do tom bem humorado, crítico e sarcástico presente na *Revista de Antropofagia*, publicada em São Paulo, em 1928 e 1929. Os pseudônimos de seus colaboradores, como Jacó Pum-Pum, Piripipi, Pão de Ló, Seminarista Voador, também sinalizam a proposta ousada e irreverente de seus idealizadores. Em relação à revista e ao contexto de sua publicação, considere as assertivas abaixo, assinalando V, se verdadeiras, ou F, se falsas.

() Integrada no movimento modernista, as fases da revista apresentadas como “dentições” são exemplos da irreverência do grupo, o qual intencionava lançar as bases de um movimento revolucionário literário, social, político e religioso.

() Juntamente com a revista *Klaxon*, tal periódico foi um dos principais veículos de divulgação das ideias dos primeiros modernistas de São Paulo.

() O número de estreia da revista foi inaugurado pelo Manifesto Antropófago, escrito por Oswald de Andrade.

A ordem correta de preenchimento dos parênteses, de cima para baixo, é:

- a) V – V – V.
- b) V – F – V.
- c) F – V – V.
- d) F – F – V.
- e) F – F – F.

37. (Imed 2015) Leia o fragmento abaixo:

*Filhos do Novo Mundo! ergamos nós um grito
Que abafe dos canhões o horrísono rugir,
Em frente do oceano! em frente do infinito!
Em nome do progresso! em nome do porvir.*

*Não deixemos, Hebreus, que a destra dos tiranos
Manche a arca ideal das nossas ilusões.
A herança do suor, vertido em dois mil anos,
Há de intacta chegar às novas gerações!*

*Nós, que somos a raça eleita do futuro,
O filho que o Senhor amou, qual Benjamim,
Que faremos de nós... se é tudo falso, impuro,
Se é mentira - o Progresso! e o Erro não tem fim?*

Os versos acima caracterizam, por suas estruturas, palavras e conteúdo:

- a) Poeta simbolista brasileiro, em cujos poemas o ideal de mudança política é sua tônica. Trata-se de Cruz e Souza.
- b) Poeta romântico brasileiro, da segunda geração, marcada pela indignação com o cenário social da época. Trata-se de Gonçalves Dias.
- c) Poeta romântico brasileiro, que encontrou na realidade em que viveu temas para seus poemas. Trata-se de Castro Alves.
- d) Poeta parnasiano brasileiro, em cuja obra predomina temas greco-latinos. Trata-se de Olavo Bilac.
- e) Poeta moderno, que apresenta um eu lírico revoltado com o cenário que se insere. Trata-se de Mário de Andrade.

38. (Imed 2015) Leia o texto abaixo, de Gregório de Matos Guerra:

A INSTABILIDADE DAS COUSAS DO MUNDO

*Nasce o Sol, e não dura mais que um dia,
Depois da Luz se segue a noite escura,
Em tristes sombras morre a formosura,
Em contínuas tristezas a alegria.*

*Porém se acaba o Sol, por que nascia?
Se formosa a Luz é, por que não dura?
Como a beleza assim se transfigura?
Como o gosto da pena assim se fia?*

*Mas no Sol, e na Luz, falte a firmeza,
Na formosura não se dê constância,
E na alegria sinta-se tristeza.*

*Começa o mundo enfim pela ignorância,
E tem qualquer dos bens por natureza
A firmeza somente na inconstância.*

Considere as seguintes assertivas a partir do texto:

I. Tal soneto é característico do período barroco brasileiro, momento em que o homem do século XVII está dividido entre os valores antropocêntricos do Renascimento e as amarras do pensamento medieval restituído pela Contrarreforma.

II. O soneto revela o dualismo que envolve o homem barroco, marcado por incertezas e inconstâncias.

III. O soneto apresenta a preocupação do poeta com a efemeridade da vida e das coisas. Quais estão corretas?

- a) Apenas I.
- b) Apenas III.
- c) Apenas I e II.
- d) Apenas II e III.
- e) I, II e III.

39. (Pucrs 2015) Responda a questão com base nos textos 1 e 2.

TEXTO 1

ENTRE O ESPAÇO PÚBLICO E O PRIVADO

¹²Excluídos da sociedade, os moradores de rua ²⁶ressignificam o único espaço ¹³que lhes foi permitido ocupar, o espaço público, transformando-o em seu "lugar", um espaço privado.

¹¹Espalhados pelos ambientes coletivos da cidade, ¹fazendo comida no asfalto, arrumando suas camas, limpando as calçadas como se estivessem dentro de uma casa: ¹⁷assim vivem os moradores de rua. Ao andar pelas ruas de São Paulo, vemos essas pessoas ³dormindo nas ²⁸calçadas, ⁴passando por situações constrangedoras, ⁵pedindo esmolas para sobreviver.

Essa é a realidade das pessoas que ²fazem da rua sua casa e nela constroem sua ³⁵intimidade. ¹⁸Assim, a ideia de ³³individualização que está nas ³¹casas, na ³⁴separação das coisas por ³⁰cômodos e quartos que servem para proteger a intimidade do indivíduo, ¹⁴ganha outro sentido. O ⁶viver nas ²⁹ruas, um lugar ¹⁹aparentemente ³⁶inabitável, tem sua própria lógica de funcionamento, que vai além das possibilidades.

A relação que o homem ⁸estabelece com o espaço que ocupa é uma das mais importantes para sua sobrevivência. As mudanças de comportamento social ¹⁵foram ²¹sempre precedidas de ²²mudanças físicas de local. Por ²³mais que a rua não seja um local para ⁷viver, já que se trata de um ambiente público, de passagem e não de permanência, ela acaba sendo, ²⁵senão única, a ²⁴mais viável opção. Alguns pensadores já apontam que a habitação ⁹é um ponto base e ¹⁰adquire uma importância para harmonizar a vida. O pensador Norberto Elias comenta que “o quarto de dormir tornou-se uma das áreas mais privadas e íntimas da vida humana. Suas paredes visíveis e ³⁷invisíveis vedam os aspectos mais ‘privados’, ‘íntimos’, irrepreensivelmente ‘animais’ da nossa existência à vista de outras pessoas”.

O modo como essas pessoas ²⁷constituem o único espaço que lhes foi permitido indica que conseguiram transformá-lo em “seu ²⁰lugar”, que aproximaram, cada um à sua maneira, ¹⁶dois mundos nos quais estamos ³²inseridos: o público e o privado.

RODRIGUES, Robson. Moradores de uma terra sem dono. (fragmento adaptado) In: <http://sociologiacienciaevida.uol.com.br/ESSO/edicoes/32/artigo194186-4.asp>.

TEXTO 2



Disponível em: <http://www.jornaldaregiaoosudeste.com.br/noticias/intensificada-campanha--dar-esmolas-nao-ajuda>. Acesso em 29/8/2014.

Pela leitura dos textos, é possível chegar à seguinte conclusão:

- A linguagem do texto 1 é tão persuasiva quanto a do texto 2.
- Ao contrário do texto 1, o texto 2 apresenta um ponto de vista único.
- A presença de aspas no texto 1 marca a posição contraditória do autor.
- Há uma passagem do texto 2 que faz uso de ambiguidade semântica intencional para provocar estranhamento.
- Em ambos os textos, a variante linguística é a norma-padrão.

40. (Pucrs 2015) Leia a letra *A mão da limpeza*, de Chico Buarque de Hollanda.

*O branco inventou que o negro
Quando não suja na entrada
Vai sujar na saída, ê
Imagina só
Vai sujar na saída, ê
Imagina só
Que mentira danada, ê*

*Na verdade a mão escrava
Passava a vida limpando
O que o branco sujava, ê
Imagina só
O que o branco sujava, ê
Imagina só
O que o negro penava, ê*

*Mesmo depois de abolida a escravidão
Negra é a mão
De quem faz a limpeza
Lavando a roupa encardida, esfregando o chão
Negra é a mão
É a mão da pureza*

*Negra é a vida consumida ao pé do fogão
Negra é a mão
Nos preparando a mesa
Limpando as manchas do mundo com água e sabão
Negra é a mão
De imaculada nobreza*

*Na verdade a mão escrava
Passava a vida limpando
O que o branco sujava, ê
Imagina só
O que o branco sujava, ê
Imagina só
Eta branco sujão*

Com base na letra e na obra de Chico Buarque de Hollanda, preencha os parênteses com V (verdadeiro) ou F (falso).

() A letra de Chico Buarque de Hollanda denuncia o trabalho pesado a que os negros são submetidos.

() Ao mencionar um estereótipo racial, a letra propõe uma inversão dos papéis sociais, pois quem suja é o branco e quem limpa, desde a escravidão, é o negro.

() A letra propõe um final racial conciliatório, no qual o branco ajudará o negro a limpar as roupas encardidas, o chão e as manchas do mundo.

() A peça *Gota d'Água*, de Chico Buarque e Paulo Pontes, também tematiza a questão do oprimido, ao adaptar a tragédia *Medeia*, de Eurípedes, para um morro carioca. A sequência correta de preenchimento dos parênteses, de cima para baixo, é

- a) F - V - V - V
- b) F - F - V - V
- c) V - F - F - F
- d) V - V - F - F
- e) V - V - F - V

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 2 QUESTÕES:

O trecho a seguir foi retirado da apresentação da obra *Pioneiras da ciência no Brasil*. O livro traz biografias de cientistas brasileiras que iniciaram suas carreiras nos anos 1930 e 1940.

Cabe uma reflexão sobre a divisão dos papéis masculino e feminino dentro da família, para tentar melhor entender por que a presença feminina no mundo científico mantém-se minoritária. Constata-se que, no Brasil, ainda cabem às mulheres, fortemente, as responsabilidades domésticas e de socialização das crianças, além dos cuidados com os velhos. Assim, ainda que dividindo o espaço doméstico com companheiros, as mulheres têm, na maioria dos lares, maior necessidade de articular os papéis familiares e profissionais. A ideia de que conciliar vida profissional e familiar representa uma dificuldade é reforçada pela análise da população ocupada feminina com curso superior, feita por estudiosos, que constata que cerca de 46% dessas mulheres vivem em domicílios sem crianças. Como as cientistas são pessoas com diplomas superiores, elas estão compreendidas nesse universo. Por outro lado, talvez a sociedade brasileira ainda mantenha uma visão estereotipada – calcada num modelo masculino tradicional - do que seja um profissional da ciência. E certamente faltam às mulheres modelos positivos, as grandes cientistas que lograram conciliar sucesso profissional com vida pessoal realizada. Para quebrar os estereótipos femininos, para que novas gerações possam se mirar em novos modelos, é necessário resgatar do esquecimento figuras femininas que, inadvertida ou deliberadamente, permaneceram ocultas na história da ciência em nosso país.

Adaptado de Hildete P. de Melo e Lígia Rodrigues, *Pioneiras da ciência no Brasil*. Rio de Janeiro: SBPC, 2006, p. 3-4.

41. (Unicamp 2015) Indique a alternativa correta. No texto,

- a) a informação numérica indica a desproporção entre o número de homens e o de mulheres presentes no mundo da ciência.
- b) o último período tem a finalidade de justificar a publicação do livro *Pioneiras da ciência no Brasil*, estabelecendo os objetivos da obra.
- c) a visão estereotipada de mulher cientista é exemplificada pelos modelos positivos das pioneiras brasileiras na ciência, tema da obra.
- d) as informações sobre o envolvimento das mulheres nos afazeres domésticos não constituem argumentos importantes para justificar a obra.

42. (Unicamp 2015) Releia o período: “Assim, ainda que dividindo o espaço doméstico com companheiros, as mulheres têm, na maioria dos lares, maior necessidade de articular os papéis familiares e profissionais.” A expressão sublinhada

- a) delimita a amostra de lares em que a mulher precisa articular tarefas profissionais e domésticas.
- b) restringe o universo das mulheres mencionadas no trecho ao das que se dedicam à vida doméstica.
- c) informa o local social em que circulavam as mulheres referidas no trecho.
- d) destaca o fato de que a maioria das mulheres vive com companheiros.

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 2 QUESTÕES:

Para a(s) próxima(s) questão(ões), considere o fragmento abaixo, extraído de *Vidas secas*, de Graciliano Ramos.

O pequeno sentou-se, acomodou-se nas pernas a cabeça da cachorra, pôs-se a contar-lhe baixinho uma história. Tinha um vocabulário quase tão minguado como o do papagaio que morrera no tempo da seca. Valia-se, pois, de exclamações e de gestos, e Baleia respondia com o rabo, com a língua, com movimentos fáceis de entender.

RAMOS, Graciliano. *Vidas secas*. Rio de Janeiro: Record, 2012, p. 57.

43. (Unicamp 2015) No romance *Vidas secas*, a alteridade é construída ficcionalmente. Isso porque o narrador

- a) impõe seu ponto de vista sobre a miséria social das personagens, desconsiderando a luta dessas personagens por uma vida mais digna.
- b) permite conhecer o ponto de vista de cada uma das personagens e manifesta um juízo crítico sobre o drama da miséria social e econômica.
- c) relativiza o universo social das personagens, uma vez que elas estão privadas da capacidade de comunicação.
- d) analisa os dilemas de todas as personagens e propõe, ao final da narrativa, uma solução para o drama da miséria social e econômica.

44. (Unicamp 2015) Uma definição possível de alteridade é “a capacidade de se colocar no lugar do outro”. No excerto, o menino mais velho, após ter recebido um cocorote de sinhá Vitória, ao lhe ter feito uma pergunta sobre a palavra “inferno”, conta uma história para Baleia. Da leitura desse trecho, podemos concluir que

- a) o narrador tem êxito na construção da alteridade, ao se colocar no lugar do menino e de Baleia e permitir a relação entre essas duas personagens.
- b) o vocabulário minguado do menino mais velho o impede de se relacionar com Baleia, o que demonstra que, sem linguagem, não há alteridade entre o homem e o mundo.
- c) o vocabulário minguado é próprio da infância e não resulta das condições sociais e materiais adversas das personagens.
- d) a resposta de Baleia reduz o menino mais velho à condição de bicho, privando-o dos atributos necessários para se tornar homem.

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 8 QUESTÕES:

¹José Leal fez uma reportagem na Ilha das Flores, onde ficam os imigrantes logo que chegam. E falou dos equívocos de nossa política imigratória. ²As pessoas que ele encontrou não eram agricultores e técnicos, gente capaz de ser útil. Viu músicos profissionais, bailarinas austríacas, cabeleireiras lituanas. Paul Balt toca acordeão, Ivan Donef faz coquetéis, Galar Bedrich é vendedor, Serof Nedko é ex-oficial, Luigi Tonizo é jogador de futebol, Ibolya Pohl é costureira. Tudo ¹⁵gente para o asfalto, “para entulhar as grandes cidades”, como diz o repórter.

⁶O repórter tem razão. ³Mas eu peço licença para ficar imaginando uma porção de coisas vagas, ao olhar essas belas fotografias que ilustram a reportagem. Essa linda costureirinha morena de Badajoz, essa Ingeborg que faz fotografias e essa Irgard que não faz coisa alguma, esse Stefan Cromick cuja única experiência na vida parece ter sido vender bombons ¹¹- não, essa gente não vai aumentar a produção de batatinhas e quiabos nem ¹⁶plantar cidades no Brasil Central.

⁷É insensato importar gente assim. Mas o destino das pessoas e dos países também é, muitas vezes, insensato: principalmente da gente nova e países novos. ⁸A humanidade não vive apenas de carne, alface e motores. Quem eram os pais de Einstein, eu pergunto; e se o jovem Chaplin quisesse hoje entrar no Brasil acaso poderia? Ninguém sabe que destino terão no Brasil essas mulheres louras, esses homens de profissões vagas. Eles estão procurando alguma coisa ¹²: emigraram. Trazem pelo menos o patrimônio de sua inquietação e de seu ¹⁷apetite de vida. ⁹Muitos se perderão, sem futuro, na vagabundagem inconsequente das cidades; uma mulher dessas talvez se suicide melancolicamente dentro de alguns anos, em algum quarto de pensão. Mas é preciso de tudo para ¹⁸fazer um mundo; e cada pessoa humana é um mistério de heranças e de taras. Acaso importamos o pintor Portinari, o arquiteto Niemeyer, o físico Lattes? E os construtores de nossa indústria, como vieram eles ou seus pais? Quem pergunta hoje, ¹⁰e que interessa saber, se esses homens ou seus pais ou seus avós vieram para o Brasil como agricultores, comerciantes, barbeiros ou capitalistas, aventureiros ou vendedores de gravata? Sem o tráfico de escravos não teríamos tido Machado de Assis, e Carlos Drummond seria impossível sem uma gota de sangue (ou uísque) escocês nas veias, ⁴e quem nos garante que uma legislação exemplar de imigração não teria feito Roberto Burle Marx nascer uruguaio, Vila Lobos mexicano, ou Pancetti chileno, o general Rondon canadense ou Noel Rosa em Moçambique? Sejamos humildes diante da pessoa humana: ⁵o grande homem do Brasil de amanhã pode descender de um clandestino que neste momento está saltando assustado na praça Mauá ¹³, e não sabe aonde ir, nem o que fazer. Façamos uma política de imigração sábia, perfeita, materialista ¹⁴; mas deixemos uma pequena margem aos inúteis e aos vagabundos, às aventureiras e aos tontos porque dentro de algum deles, como sorte grande da fantástica ¹⁹loteria humana, pode vir a nossa redenção e a nossa glória.

(BRAGA, R. *Imigração*. In: *A borboleta amarela*. Rio de Janeiro, Editora do Autor, 1963)

- 45. (Ita 2015)** De acordo com as normas gramaticais de pontuação,
- I. o travessão da referência 11 serve para realçar uma conclusão do que foi dito anteriormente.
 - II. os dois pontos da referência 12 podem ser substituídos por ponto e vírgula.
 - III. a vírgula, em “está saltando assustado na praça Mauá, e não sabe”, referência 13, pode ser excluída.
 - IV. o ponto e vírgula da referência 14 pode ser substituído por ponto final.
- Estão corretas apenas
- a) I, II e III.
 - b) I, III e IV.
 - c) II e III.
 - d) II, III e IV.
 - e) III e IV.

- 46. (Ita 2015)** Assinale a opção em que a expressão grifada NÃO retoma um conteúdo anterior.
- a) O repórter tem razão. (ref. 6)
 - b) É insensato importar gente assim. (ref. 7)
 - c) A humanidade não vive apenas de carne, alface e motores. (ref. 8)
 - d) Muitos se perderão, sem futuro, na vagabundagem inconsequente das cidades; [...] (ref. 9)
 - e) [...] e que interessa saber, se esses homens ou seus pais ou seus avós vieram para o Brasil como agricultores, [...] (ref. 10)

- 47. (Ita 2015)** Assinale a opção em que há metonímia.
- a) gente para o asfalto (ref. 15)
 - b) plantar cidades (ref. 16)
 - c) apetite de vida (ref. 17)
 - d) fazer um mundo (ref. 18)
 - e) loteria humana (ref. 19)

- 48. (Ita 2015)** O autor do texto
- a) destaca a aparência das imigrantes como um fator preponderante para a imigração.
 - b) reproduz os nomes dos imigrantes citados na reportagem para atribuir-lhes importância social.
 - c) toma como sua a expressão “para entulhar as grandes cidades”.
 - d) desenvolve os argumentos para sustentar que “é insensato importar gente assim”.
 - e) concorda parcialmente com o repórter José Leal, porém assume um ponto de vista diferente.

- 49. (Ita 2015)** No trecho, *Tudo gente para o asfalto, “para entulhar as grandes cidades”, como diz o repórter*, Rubem Braga
- I. retrata o ponto de vista do repórter José Leal.
 - II. cita José Leal e, com isso, marca a direção argumentativa do seu texto.
 - III. concorda com o repórter, segundo o qual os imigrantes deveriam trabalhar apenas no campo.
 - IV. concorda com o repórter, segundo o qual os imigrantes são desqualificados por exercerem profissões tipicamente urbanas.
- Estão corretas apenas:
- a) I e II.
 - b) I, II e IV.
 - c) I e III.
 - d) II, III, IV.
 - e) III e IV.

50. (Ita 2015) O objetivo do autor é

- a) discutir a reportagem de José Leal sobre a chegada de imigrantes ao Brasil.
- b) apoiar a imigração europeia, independentemente da condição social dos imigrantes.
- c) mostrar que o Brasil não precisa de imigrantes sem qualificação profissional.
- d) defender uma política migratória não necessariamente vinculada a critérios profissionais.
- e) criticar a legislação brasileira sobre imigração vigente na época.

51. (Ita 2015) De acordo com o texto, Rubem Braga

- I. assevera que os imigrantes qualificados teriam destino promissor no Brasil.
- II. mostra otimismo em relação aos imigrantes sem profissão definida.
- III. apresenta ideias sobre imigração tanto semelhantes como avessas às de José Leal.
- IV. considera que, sem imigração, não haveria algumas das grandes personalidades no Brasil.

Estão corretas apenas:

- a) I e II.
- b) I, II e IV.
- c) II e III.
- d) II, III e IV.
- e) III e IV.

52. (Ita 2015) Assinale a opção em que o termo grifado é conjunção integrante.

- a) José Leal fez uma reportagem na Ilha das Flores, onde ficam os imigrantes logo que chegam. (ref. 1)
- b) As pessoas que ele encontrou não eram agricultores e técnicos, gente capaz de ser útil. (ref. 2)
- c) Mas eu peço licença para ficar imaginando uma porção de coisas vagas, ao olhar essas belas fotografias que ilustram a reportagem. (ref. 3)
- d) [...] e quem nos garante que uma legislação exemplar de imigração não teria feito Roberto Burle Marx nascer uruguaio, [...] (ref. 4)
- e) [...] o grande homem do Brasil de amanhã pode descender de um clandestino que neste momento está saltando assustado na praça Mauá, [...] (ref. 5)

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

TEXTO 1

¹José Leal fez uma reportagem na Ilha das Flores, onde ficam os imigrantes logo que chegam. E falou dos equívocos de nossa política migratória. ²As pessoas que ele encontrou não eram agricultores e técnicos, gente capaz de ser útil. Viu músicos profissionais, bailarinas austríacas, cabeleireiras lituanas. Paul Balt toca acordeão, Ivan Donef faz coquetéis, Galar Bedrich é vendedor, Serof Nedko é ex-oficial, Luigi Tonizo é jogador de futebol, Ibolya Pohl é costureira. Tudo ¹⁵gente para o asfalto, "para entulhar as grandes cidades", como diz o repórter.

⁶O repórter tem razão. ³Mas eu peço licença para ficar imaginando uma porção de coisas vagas, ao olhar essas belas fotografias que ilustram a reportagem. Essa linda costureirinha morena de Badajoz, essa Ingeborg que faz fotografias e essa Irgard que não faz coisa alguma, esse Stefan Cromick cuja única experiência na vida parece ter sido vender bombons ¹¹- não, essa gente não vai aumentar a produção de batatinhas e quiabos nem ¹⁶plantar cidades no Brasil Central.

⁷É insensato importar gente assim. Mas o destino das pessoas e dos países também é, muitas vezes, insensato: principalmente da gente nova e países novos. ⁸A humanidade não vive apenas de carne, alface e motores. Quem eram os pais de Einstein, eu pergunto; e se o jovem Chaplin quisesse hoje entrar no Brasil acaso poderia? Ninguém sabe que destino terão no Brasil essas mulheres louras, esses homens de profissões vagas. Eles estão procurando alguma coisa¹²: emigraram. Trazem pelo menos o patrimônio de sua inquietação e de seu ¹⁷apetite de vida. ⁹Muitos se perderão, sem futuro, na vagabundagem inconsequente das cidades; uma mulher

dessas talvez se suicide melancolicamente dentro de alguns anos, em algum quarto de pensão. Mas é preciso de tudo para ¹⁸fazer um mundo; e cada pessoa humana é um mistério de heranças e de taras. Acaso importamos o pintor Portinari, o arquiteto Niemeyer, o físico Lattes? E os construtores de nossa indústria, como vieram eles ou seus pais? Quem pergunta hoje, ¹⁰e que interessa saber, se esses homens ou seus pais ou seus avós vieram para o Brasil como agricultores, comerciantes, barbeiros ou capitalistas, aventureiros ou vendedores de gravata? Sem o tráfico de escravos não teríamos tido Machado de Assis, e Carlos Drummond seria impossível sem uma gota de sangue (ou uísque) escocês nas veias, ⁴e quem nos garante que uma legislação exemplar de imigração não teria feito Roberto Burle Marx nascer uruguaio, Vila Lobos mexicano, ou Pancetti chileno, o general Rondon canadense ou Noel Rosa em Moçambique? Sejamos humildes diante da pessoa humana: ⁵o grande homem do Brasil de amanhã pode descender de um clandestino que neste momento está saltando assustado na praça Mauá¹³, e não sabe aonde ir, nem o que fazer. Façamos uma política de imigração sábia, perfeita, materialista¹⁴; mas deixemos uma pequena margem aos inúteis e aos vagabundos, às aventureiras e aos tontos porque dentro de algum deles, como sorte grande da fantástica ¹⁹loteria humana, pode vir a nossa redenção e a nossa glória.

(BRAGA, R. Imigração. In: A borboleta amarela. Rio de Janeiro, Editora do Autor, 1963)

TEXTO 2

Nos estudos de antropologia política de Pierre Clastres*, estudioso francês que conviveu durante muito tempo com tribos indígenas sul-americanas, menciona-se o fato de frequentemente os membros dessas tribos designarem a si mesmos com um vocábulo que em sua língua era sinônimo de “os homens” e reservavam para seus congêneres de tribos vizinhas termos como “ovos de piolho”, “sub-homens” ou equivalentes com valor pejorativo.

Trago esta referência – que Clastres denomina etnocentrismo – eloquente de uma xenofobia em sociedades primitivas, porque ela é tentadora para propor origens precoces, quem sabe constitucionais ou genéticas, no ódio ou recusa das diferenças.

A mesma precocidade, dizem alguns, encontra-se nas crianças. Uma criança uruguaia, com clara ascendência europeia, como é comum em nosso país, resultado do genocídio indígena, denuncia, entre indignada e temerosa, sua repulsa a uma criança japonesa que entrou em sua classe (fato raro em nosso meio) e argumenta que sua linguagem lhe é incompreensível e seus traços são diferentes e incomuns.

Se as crianças e os primitivos reagem deste modo, poder-se-ia concluir – precipitadamente – que o que manifestam, de maneira tão primária e transparente, é algo que os desenvolvimentos posteriores da civilização tornarão evidente de forma mais complexa e sofisticada, mas com a mesma contundência elementar.

Por esse caminho, e com a tendência humana a buscar causalidades simples e lineares, estamos a um passo de “encontrar” explicações instintivas do ódio e da violência, em uma hierarquização em que a natureza precede a cultura, território de escolha das argumentações racistas. A “natureza” – o “biológico” como “a” origem ou “a” causa – operam como explicação segura e tranquilizadora ante questões que nos encurralam na ignorância e na insegurança de um saber parcial. [...]

(*) Pierre Clastres (1934-1977)

(VIÑAR, M. O reconhecimento do próximo. Notas para pensar o ódio ao estrangeiro. In: Caterina Koltai (org.) O estrangeiro. São Paulo: Escuta; Fapesp, 1998)

53. (Ita 2015) Em relação às estratégias argumentativas, os textos 1 e 2 igualmente apresentam

- a) informações ordenadas do geral para o específico como forma de persuasão.
- b) referências externas para discussão dos respectivos temas.
- c) comparações de comportamento de grupos sociais.
- d) testemunhos de autoridade.
- e) definições de palavras.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Nos estudos de antropologia política de Pierre Clastres*, estudioso francês que conviveu durante muito tempo com tribos indígenas sul-americanas, menciona-se o fato de frequentemente os membros dessas tribos designarem a si mesmos com um vocábulo que em sua língua era sinônimo de “os homens” e reservavam para seus congêneres de tribos vizinhas termos como “ovos de piolho”, “sub-homens” ou equivalentes com valor pejorativo.

Trago esta referência – que Clastres denomina etnocentrismo – eloquente de uma xenofobia em sociedades primitivas, porque ela é tentadora para propor origens precoces, quem sabe constitucionais ou genéticas, no ódio ou recusa das diferenças.

A mesma precocidade, dizem alguns, encontra-se nas crianças. Uma criança uruguaia, com clara ascendência europeia, como é comum em nosso país, resultado do genocídio indígena, denuncia, entre indignada e temerosa, sua repulsa a uma criança japonesa que entrou em sua classe (fato raro em nosso meio) e argumenta que sua linguagem lhe é incompreensível e seus traços são diferentes e incomuns.

Se as crianças e os primitivos reagem deste modo, poder-se-ia concluir – precipitadamente – que o que manifestam, de maneira tão primária e transparente, é algo que os desenvolvimentos posteriores da civilização tornarão evidente de forma mais complexa e sofisticada, mas com a mesma contundência elementar.

Por esse caminho, e com a tendência humana a buscar causalidades simples e lineares, estamos a um passo de “encontrar” explicações instintivas do ódio e da violência, em uma hierarquização em que a natureza precede a cultura, território de escolha das argumentações racistas. A “natureza” – o “biológico” como “a” origem ou “a” causa – operam como explicação segura e tranquilizadora ante questões que nos encurralam na ignorância e na insegurança de um saber parcial. [...]

(*) Pierre Clastres (1934-1977)

(VIÑAR, M. O reconhecimento do próximo. Notas para pensar o ódio ao estrangeiro. In: Caterina Koltai (org.) O estrangeiro. São Paulo: Escuta; Fapesp, 1998)

54. (Ita 2015) No texto, pode-se depreender que a xenofobia

- a) é comum entre os primitivos e as crianças, por isso é inata.
- b) tem sempre como fator gerador a aparência diferente dos estrangeiros.
- c) pode ter níveis diferentes de sofisticação, dependendo do contexto social.
- d) ocorre apenas em relação aos estrangeiros oriundos de lugares distantes.
- e) é um sentimento incontrolável por parte de pessoas de qualquer cultura, por isso inevitável.

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 4 QUESTÕES:

Responda a(s) questão(ões) com base no texto 1.

TEXTO 1

ENTRE O ESPAÇO PÚBLICO E O PRIVADO

¹²Excluídos da sociedade, os moradores de rua ²⁶ressignificam o único espaço ¹³que lhes foi permitido ocupar, o espaço público, transformando-o em seu “lugar”, um espaço privado. ¹¹Espalhados pelos ambientes coletivos da cidade, ¹fazendo comida no asfalto, arrumando suas camas, limpando as calçadas como se estivessem dentro de uma casa: ¹⁷assim vivem os moradores de rua. Ao andar pelas ruas de São Paulo, vemos essas pessoas ³dormindo nas ²⁸calçadas, ⁴passando por situações constrangedoras, ⁵pedindo esmolas para sobreviver. Essa é a realidade das pessoas que ²fazem da rua sua casa e nela constroem sua ³⁵intimidade. ¹⁸Assim, a ideia de ³³individualização que está nas ³¹casas, na ³⁴separação das coisas por ³⁰cômodos e quartos que servem para proteger a intimidade do indivíduo, ¹⁴ganha outro sentido. O ⁶viver nas ²⁹ruas, um lugar ¹⁹aparentemente ³⁶inabitável, tem sua própria lógica de funcionamento, que vai além das possibilidades.

A relação que o homem ⁸ estabelece com o espaço que ocupa é uma das mais importantes para sua sobrevivência. As mudanças de comportamento social ¹⁵ foram ²¹ sempre precedidas de ²² mudanças físicas de local. Por ²³ mais que a rua não seja um local para ⁷ viver, já que se trata de um ambiente público, de passagem e não de permanência, ela acaba sendo, ²⁵ senão única, a ²⁴ mais viável opção. Alguns pensadores já apontam que a habitação ⁹ é um ponto base e ¹⁰ adquire uma importância para harmonizar a vida. O pensador Norberto Elias comenta que “o quarto

de dormir tornou-se uma das áreas mais privadas e íntimas da vida humana. Suas paredes visíveis e ³⁷ invisíveis vedam os aspectos mais ‘privados’, ‘íntimos’, irrepreensivelmente ‘animais’ da nossa existência à vista de outras pessoas”.

O modo como essas pessoas ²⁷ constituem o único espaço que lhes foi permitido indica que conseguiram transformá-lo em “seu ²⁰ lugar”, que aproximaram, cada um à sua maneira, ¹⁶ dois mundos nos quais estamos ³² inseridos: o público e o privado.

RODRIGUES, Robson. Moradores de uma terra sem dono. (fragmento adaptado) In: <http://sociologiacienciaevida.uol.com.br/ESSO/edicoes/32/artigo194186-4.asp>. Acesso em 21/8/2014.

55. (Pucrs 2015) Levando em conta o sentido original e a correção do texto, o trecho _____ pode ser substituído por _____.

- a) “Excluídos da sociedade” (ref. 12) – “Conquanto sejam excluídos da sociedade”
- b) “que lhes foi permitido ocupar” (ref. 13) – “cuja ocupação lhes foi permitida”
- c) “ganha outro sentido” (ref. 14) – “ganham outro sentido”
- d) “foram sempre precedidas de” (ref. 15) – sempre precederam
- e) “dois mundos nos quais estamos inseridos” (ref. 16) – “dois mundos aos quais estamos inseridos”

56. (Pucrs 2015) Quanto ao emprego dos verbos no texto, NÃO é correto afirmar que

- a) “fazer” tem sentido diferente nas referências 1 e 2.
- b) “dormindo” (ref. 3), “passando” (ref. 4) e “pedindo” (ref. 5) indicam ações não concluídas no presente.
- c) “viver” nas ocorrências marcadas pelas referências 6 e 7 tem valor de substantivo.
- d) “estabelece” (ref. 8) expressa uma realidade permanente.
- e) “é” (ref. 9) e “adquire” (ref. 10) pertencem a orações sintaticamente paralelas.

57. (Pucrs 2015) Considerando o uso das expressões no texto, a afirmação correta é

- a) “assim” (ref. 17) e “Assim” (ref. 18) expressam a ideia de consequência.
- b) “aparentemente” (ref. 19) modifica o sentido de “lugar” (ref. 20).
- c) “sempre” (ref. 21) refere-se a “mudanças físicas de local” (ref. 22).
- d) “mais que” (ref. 23) e “mais” (ref. 24) estabelecem comparações.
- e) “senão” (ref. 25) contrapõe uma ideia provável a uma certeza.

58. (Pucrs 2015) Analise as afirmações a seguir sobre a organização das ideias no texto, preenchendo os parênteses com V (verdadeiro) ou F (falso).

- () A sequência descritiva do primeiro parágrafo confere concretude às ideias apresentadas.
- () Há uma relação de oposição entre as duas últimas frases do primeiro parágrafo.
- () O segundo parágrafo discorre sobre as causas da situação, apresentando argumentos baseados em dados históricos.
- () A última frase do texto reforça o ponto de vista do autor e propõe uma solução para o problema discutido.

A sequência correta de preenchimento dos parênteses, de cima para baixo, é

- a) V – F – V – F
- b) V – F – F – F
- c) F – F – F – V
- d) V – V – V – F
- e) F – V – F – V

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:
Responda a(s) questão(ões) com base no texto.



Disponível em: <http://www.jornaldaregiaoosudeste.com.br/noticias/intensificada-campanha-dar-esmolas-nao-ajuda>. Acesso em 29/8/2014.

59. (Pucrs 2015) Considere as sugestões de reescrita para o *slogan* da campanha.

1. Dar esmola? Não ajuda.
2. Dar esmola? Não. Ajuda.
3. Dar esmola não! Ajuda.
4. Dar esmola? Ajuda não?
5. Dar esmola ajuda, não?

O sentido da campanha e a correção gramatical seriam mantidos considerando-se apenas

- a) 1 e 3.
- b) 2 e 4.
- c) 1, 2 e 3.
- d) 3, 4 e 5.
- e) 1, 2, 3 e 5.

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 3 QUESTÕES:

Seres humanos dividem o mundo entre “nós” e “eles”.

Criadas por razões religiosas, étnicas, preferências sexuais, futebolísticas ou de outra natureza, as tensões e ¹suspeições intergrupais são as grandes responsáveis pela violência no mundo.

O preconceito que resulta dessas divisões não é consciente, está ² arraigado nas profundezas do passado evolutivo, ³ na tendência universal de formarmos coalizões que nos ajudem a enfrentar os desafios que a vida impõe.

Experimentos conduzidos nos últimos 30 anos mostram que nos reunimos em grupos, mesmo em torno de objetivos fúteis⁴: o fã-club de uma cantora, um time ou um piloto de corrida. E que, ao nos incluirmos em tais agrupamentos, passamos a acreditar que nossos companheiros são mais inteligentes, espertos, generosos e dotados de valores morais superiores aos dos membros de outros grupos.

As pesquisas hoje estão dirigidas para as razões que nos levam ⁵a enxergar o mundo sob essa perspectiva do “nós” e “eles”. Que fatores em nosso passado evolutivo ⁶forjaram a extrema facilidade com que formamos coalizões e reagimos de forma preconceituosa contra os estranhos ⁷a elas?

Para muitos psicólogos, o ódio dirigido a “eles” tem origem na generosidade manifestada em relação a “nós” mesmos. [...]

Como consequência, esperamos encontrar acolhimento e solidariedade quando estamos entre “nós”, porque somos mais amigáveis, ⁸altruístas e pacíficos do que os de fora. Valores morais dessa ⁹magnitude nos autorizam a agir com violência contra inimigos que julgamos não possuí-los, em caso de disputas por territórios, prestígio social, empregos ou acesso a bens materiais. [...]

¹⁰Embora o preconceito esteja alojado em áreas arcaicas do sistema nervoso central, sua expressão não é inevitável. Nosso córtex cerebral já evoluiu o suficiente para reprimi-lo, de modo a abandonarmos a bestialidade do passado e adotarmos condutas racionais centradas na tolerância e na aceitação da diversidade humana.

Adaptado de Drauzio Varella

60. (Mackenzie 2015) Conclui-se do texto que:

- O preconceito está fundamentado em rigorosas leis religiosas e civis que subsidiam os valores morais que com magnitude provocam a diferença e a exclusão.
- A evolução humana ao longo dos tempos demonstrou que o homem estabelece em todas as situações de interação a predisposição para a compreensão do diferente, sendo prioritariamente pacífico.
- A manifestação preconceituosa diante do diverso está arraigada não só nas condutas humanas em sociedade, mas também no nosso sistema nervoso, o que legitima para o autor a prática da segregação racial.
- Ainda que haja evidências de natureza neurológica para nosso comportamento social, é fundamental que a convivência humana se baseie em valores morais que combatam a discriminação, que está na raiz de atos preconceituosos.
- O hábito de se reunir em grupo, arraigado em nosso desenvolvimento como espécie, possibilitou, ao longo dos tempos, a formação de uma prática que nega ao extremo modos de exclusão social do diferente.

61. (Mackenzie 2015) Assinale a alternativa correta.

- Em *na tendência universal de formarmos coalizões que nos ajudem* (ref. 3), a palavra coalizões pode ser substituída pelo seu sinônimo “colisões”, sem prejuízo para o sentido original do trecho em que está empregada.
- Os dois pontos, apontados pela referência 4, introduzem sequência de elementos com o objetivo de contradizer, com valor adversativo, o que está exposto anteriormente no mesmo período.
- É indiferente o emprego das formas “sob” ou “sobre” em *a enxergar o mundo sob essa perspectiva* (ref. 5), uma vez que usar uma forma ou outra não altera o sentido original do trecho apresentado.
- A expressão *a elas* (ref. 7) retoma antecedente expresso no mesmo período.
- Embora* (ref. 10) introduz período que estabelece relação semântica de explicação em relação ao período subsequente àquele em que está empregado.

62. (Mackenzie 2015) Considere os tópicos seguintes.

- Uso de argumentos de autoridade em citações apresentadas por meio de discurso direto.
 - Raciocínio que contrapõe dados científicos à necessidade de reflexão sobre o comportamento humano em sociedade.
 - Introdução de tema principal feita de forma genérica e contundente.
- Assinale a alternativa que indica corretamente os tópicos que apresentam recursos empregados na construção do texto.
- Tópicos I e II.
 - Tópicos II e III.
 - Tópicos I e III.
 - Tópicos I, II e III.
 - Nenhum dos tópicos apresenta recurso empregado no texto.

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 3 QUESTÕES:

“O planalto central do Brasil desce, nos litorais do Sul, em ¹escarpas inteiriças, altas e abruptas. Assoberba os mares; e desata-se em chapadões nivelados pelos visos das cordilheiras marítimas, distendidas do Rio Grande a Minas. ²Mas ao derivar para as terras setentrionais diminui gradualmente de altitude, ao mesmo tempo que descamba para a costa oriental em andares, ou repetidos socalcos, que o despem da primitiva grandeza afastando-o consideravelmente para o interior.

De sorte que quem o contorna, seguindo para o norte, observa notáveis mudanças de relevos: a princípio o traço contínuo e dominante das montanhas, precintando-o, com destaque saliente, sobre a linha projetante das praias, depois, no segmento de orla marítima entre o Rio de Janeiro e o Espírito Santo, um aparelho litoral revolto, feito da envergadura desarticulada das serras, riçado de cumeadas e corroído de angras, e escancelando-se em baías, e repartindo-se em ilhas, e desagregando-se em recifes desnudos, à maneira de escombros do conflito secular que ali se trava entre os mares e a terra; em seguida, transposto o 15° paralelo, a atenuação de todos os acidentes — serranias que se arredondam e suavizam as linhas dos taludes, fracionadas em morros de encostas indistintas no horizonte que se amplia; até que em plena faixa costeira da Bahia, o olhar, livre dos anteparos de serras que até lá o repulsam e abreviam, se dilata em cheio para o ocidente, mergulhando no âmago da terra amplíssima lentamente emergindo num ondear longínquo de chapadas...

Este facies geográfico resume a morfogenia do grande maciço continental.”

Euclides da Cunha, Os Sertões.

63. (Mackenzie 2015) A partir do fragmento selecionado, considere as seguintes afirmações sobre as características da prosa de Euclides da Cunha.

I. Tendência à intensificação dos fragmentos descritivos.

II. Presença de vocabulário farto e raro.

III. Uso de tom subjetivo e linguagem simbólica.

Assinale a alternativa correta.

a) Estão corretas apenas as alternativas I e II.

b) Estão corretas apenas as alternativas I e III.

c) Estão corretas apenas as alternativas II e III.

d) Todas as alternativas estão corretas.

e) Nenhuma das alternativas está correta.

64. (Mackenzie 2015) Assinale a alternativa INCORRETA sobre o contexto histórico e literário da prosa pré-modernista a que pertence o fragmento de *Os Sertões*.

a) Os prosadores pré-modernistas produziram uma literatura problematizadora da realidade brasileira de sua época.

b) Entre os temas pré-modernistas, está o subdesenvolvimento do sertão nordestino.

c) A investigação social presente na prosa pré-modernista colabora para o aprofundamento do sentimento ufanista nacional.

d) A prosa da época é marcada por obras de análise e interpretação social significativas para a literatura brasileira.

e) O pré-modernismo antecipou formal ou tematicamente práticas e ideias que foram desenvolvidas pelos modernistas.

65. (Mackenzie 2015) A partir do fragmento de *Os Sertões*, pode-se afirmar que todas as afirmações estão corretas, EXCETO:

a) o autor compõe seu texto com traços tanto de uma prosa científica quanto de uma prosa literária.

b) a constante utilização de termos científicos, como *cumeadas*, *taludes* e *morfogenia*, compromete o valor literário da obra.

c) destacam-se contrastes geográficos do Brasil, como evidenciado no fragmento: *Mas ao derivar para as terras setentrionais diminui gradualmente de altitude* (ref. 2)

d) há uma detalhada descrição da região embasada pelo conhecimento das Ciências Naturais.

e) a opção pela utilização de mais de um adjetivo para caracterizar o substantivo, como em *escarpas inteiriças, altas e abruptas* (ref. 1), está vinculada à ideia da objetividade científica.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Soneto VI

Brandas ribeiras, quanto estou contente
De ver-vos outra vez, se isto é verdade!
Quanto me alegra ouvir a suavidade,
Com que Fílis entoa a voz cadente!
Os rebanhos, o gado, o campo, a gente,
Tudo me está causando novidade:
Oh! como é certo que a cruel saudade
Faz tudo, do que foi, mui diferente!
Recebi (eu vos peço) um desgraçado,
Que andou até agora por incerto giro,
Correndo sempre atrás do seu cuidado:
Este pranto, estes ais com que respiro,
Podendo comover o vosso agrado,
Façam digno de vós o meu suspiro.

Cláudio Manoel da Costa

Soneto

Estes os olhos são da minha amada,
Que belos, que gentis e que formosos!
Não são para os mortais tão preciosos
Os doces frutos da estação dourada.
Por eles a alegria derramada
Tornam-se os campos de prazer gostosos.
Em zéfiros suaves e mimosos
Toda esta região se vê banhada.
Vinde olhos belos, vinde, e enfim trazendo
Do rosto do meu bem as prendas belas,
Dai alívio ao mal que estou gemendo.
Mas ah! delírio meu que me atropelas!
Os olhos que eu cuidei que estava vendo,
Eram (quem crera tal!) duas estrelas.

Cláudio Manoel da Costa

66. (Mackenzie 2015) É traço relevante na caracterização do estilo de época a que pertencem os poemas de Cláudio Manoel da Costa, EXCETO:

- a) a valorização do *locus amoenus*.
- b) a poesia bucólica.
- c) a utilização de pseudônimos pastoris.
- d) a busca da *aurea mediocritas*.
- e) a repulsa à tradição clássica da poesia.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

MORTE DE BANDO DESENCADEIA ONDA DE ATAQUES EM SC

Estadão Conteúdo, de Florianópolis - 12/10/2014 - 10h41

De dentro de presídios partiu o "salve" para dar início à onda de ataques que assusta Santa Catarina há mais de duas semanas. Entre as causas do levante está uma operação da Polícia Civil contra uma tentativa de assalto a um banco que terminou com cinco bandidos mortos, há mais de um mês. O Estado apurou que a polícia e o Ministério Público Estadual (MPE) investigam os ataques como uma retaliação ao crescimento do número de bandidos abatidos em confrontos.

O caso registrado no dia 30 de agosto, na cidade de Governador Celso Ramos, seria um dos estopins para os atentados ordenados pelo Primeiro Grupo Catarinense (PGC). Na noite de 29 de agosto, por volta das 23 horas, policiais civis estavam a postos para enfrentar o bando, após rastrear por interceptações telefônicas e troca de mensagens por aplicativo de smartphone, que eles planejavam estourar caixas eletrônicos. Os policiais conseguiram abortar o crime às 3 horas, quando os criminosos foram acuados e mortos.

Disponível em: <http://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agenciaestado/2014/10/12/morte-de-bando-desencadeia-onda-deataques-em-sc.htm>. Acesso em: 16/10/2014. Fragmento adaptado.

67. (Acafe 2015) Considerando o texto, assinale a alternativa **correta**.

a) Na frase “O Estado apurou que a polícia e o Ministério Público Estadual (MPE) investigam os ataques como uma retaliação ao crescimento do número de bandidos abatidos em confrontos”, o emprego de letras maiúsculas não é integralmente coerente com as normas ortográficas.

b) Em “De dentro de presídios partiu o ‘**salve**’ para dar início a onda de ataques que assusta Santa Catarina há mais de duas semanas”, o termo destacado em negrito e a senha (ou código) utilizado pelos presidiários para iniciar os ataques.

c) Na frase “Na noite de 29 de agosto, por volta das 23 horas, policiais civis estavam a postos para enfrentar o bando, após rastrear por intercepções telefônicas e troca de mensagens por aplicativo de smartphone, que eles planejavam estourar caixas eletrônicos”, o pronome “eles” retoma “o bando”, substantivo com o qual concorda em gênero e número.

d) Em “O caso registrado no dia 30 de agosto, na cidade de Governador Celso Ramos, seria um dos estopins para os atentados ordenados pelo Primeiro Grupo Catarinense (PGC)”, o sujeito da oração está posposto ao verbo.

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 4 QUESTÕES:

IMPREVISIBILIDADE DO VÍRUS EBOLA

O marburgo foi o primeiro “filovírus” (da família filoviridae) descoberto. Na verdade, ele apareceu na Alemanha, em 1967, na cidade de mesmo nome, em macacos trazidos de Uganda pela empresa Behring Works, que produzia vacinas. Em alguns dias, foi o fim do mundo: sete dos 30 funcionários infectados morreram com fortes hemorragias. Mas isso era apenas um introito. Em 1976, outro filovírus mortal surgiu no Sudão, causando devastação em aldeias e comunidades tribais; e, assim como veio, desapareceu, sem ser estudado, definido e classificado. Esse vírus ganhou o nome do rio que atravessa o Congo, o Ebola.

Um marco da batalha contra os filovírus foi a morte do homem conhecido como Yu G, no Sudão, em julho de 1976, com hemorragia maciça por todos os orifícios do corpo. O doente trabalhava numa fábrica de algodão nas proximidades da cidade de Nzara, bem perto de uma floresta. Yu G. ficou famoso mundialmente por ser o “caso index”, o primeiro humano infectado por um vírus desconhecido, o ebola Sudão. Ele ocupava uma sala, nos fundos da fábrica, com morcegos pendurados no teto. Dias após sua morte, dois funcionários apresentaram febre e dores no corpo e morreram com hemorragias devastadoras. Ao contrário do tímido Yu G., um deles era extrovertido e mulhengo e, antes de surgirem os sintomas, espalhou o vírus pela cidade.

Desde 1976, quando dois surtos simultâneos surgiram em Nzara, no Sudão, e em Yambuku, na República Democrática do Congo, e o ebola foi identificado pela primeira vez, já houve 25 irrupções epidêmicas, sempre no continente africano. Normalmente, as epidemias ocorriam em regiões tribais, atingindo pequenas comunidades com contágio fulminante, e logo desapareciam. Ao matar rapidamente as vítimas, o vírus inviabilizava sua propagação. Em 2014, entretanto, a epidemia é a de maior magnitude já registrada. Em 8 de agosto, a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou o surto como “emergência de saúde pública de alcance mundial”. Já são cerca de 4 mil mortos e 8 mil infectados. Mais de 80 localidades foram atingidas em três países da África Ocidental – Guiné, Serra Leoa e Libéria, entre capitais, cidades e aldeias. A Nigéria também registrou seus primeiros casos. A Costa do Marfim e o Senegal estão em estado de alerta contra o vírus altamente contagioso. “De maneira inédita, o surto se espalhou para além da fronteira de três países africanos, tornando-se a maior distribuição geográfica do vírus na história”, afirma Leticia Linn, diretora de comunicação da OMS.

“O surto de agora tem um caráter inteiramente diferente”, afirma Valdilea Veloso, infectologista da Fiocruz. O clínico português Paulo Reis, 42 anos, que atua na organização Médicos sem Fronteiras, relata grandes dificuldades do trabalho de campo na Guiné: “Desta vez há muito mais gente infectada. Em Uganda as pessoas já conheciam a doença, mas na Guiné nem os médicos tinham ouvido falar dela”, conta. O mais perturbador é que, apesar de quase meio século de pesquisa desde o aparecimento do marburgo na Alemanha, os cientistas continuam sem saber quem é o hospedeiro do vírus e ao que se deve o aparecimento das epidemias letais, apesar de suspeitarem de algumas espécies de primatas.

Disponível em: <http://revistaplaneta.terra.com.br/secao/saude/onde-nasce-oebola>. Acesso em: 16/10/2014. Fragmentos adaptados.

68. (Acafe 2015) Sobre o texto, é **correto** afirmar que:

- a) a empresa Behring Works, da Alemanha, produz vacinas contra o vírus marburgo desde 1967.
- b) de acordo com estudos realizados na cidade de Marburg, na Alemanha, o hospedeiro do vírus ebola é uma espécie de macaco originária da República Democrática do Congo.
- c) o vírus ebola é conhecido, entre os cientistas, com o nome de “filovírus”, por ser fino e comprido e, como tal, é uma metáfora do rio Ebola, que percorre toda a região do antigo Zaire (atual Congo), por também ser fino e comprido.
- d) o vírus ebola foi identificado pela primeira vez em 1976, no continente africano.

69. (Acafe 2015) Considerando o texto, assinale a alternativa **correta**.

- a) Em “**De maneira inédita**, o surto se espalhou para além da fronteira de três países africanos, tornando-se a maior distribuição geográfica do vírus na história”, a expressão destacada em negrito pode ser substituída pela expressão “Pela primeira vez” sem que o sentido do texto seja alterado.
- b) Na frase “Na verdade, ele apareceu na Alemanha, em 1967, na cidade de **mesmo nome**, em macacos trazidos de Uganda pela empresa Behring Works, que produzia vacinas”, o termo destacado em negrito pode ser substituído por “filovírus”.
- c) Na frase “Normalmente, as epidemias ocorriam em regiões tribais, atingindo pequenas comunidades com contágio fulminante, e logo desapareciam”, ocorrem dois verbos com sujeitos distintos.
- d) No fragmento de período “O mais perturbador é que, **apesar de** quase meio século de pesquisa desde o aparecimento do marburgo na Alemanha, os cientistas continuam sem saber quem é o hospedeiro do vírus [...]”, a expressão “apesar de” pode ser substituída por “depois de” sem que o sentido original do texto seja alterado.

70. (Acafe 2015) Considerando o que consta no texto, assinale a alternativa **correta**.

- a) Apesar de ainda não se ter certeza sobre os possíveis hospedeiros do vírus ebola, os cientistas já sabem como ele contamina os primatas e humanos.
- b) O vírus ebola foi identificado em 1976, por um médico belga, recém-formado, chamado Peter Piot, que atualmente é diretor da Faculdade de Higiene e Medicina Tropical, em Londres.
- c) A atual epidemia do vírus ebola é semelhante às epidemias anteriores e, em razão disso, tende a desaparecer rapidamente, porque mata todas as vítimas.
- d) O contágio e a morte de Yu G., conhecido como o “caso index”, faz os cientistas suspeitarem de que morcegos possam ser hospedeiros do vírus ebola.

71. (Acafe 2015) Assinale a pergunta que pode ser respondida com base no texto.

- a) Já existem vacinas contra o vírus ebola?
- b) Em que país africano teve início o atual surto do vírus ebola?
- c) Quais são os indicadores de que o surto epidêmico do vírus ebola em 2014 é diferente dos anteriores?
- d) Em que fase da doença em seres humanos o vírus ebola é contagioso?

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 4 QUESTÕES:

DIA DA PROCLAMAÇÃO DA REPÚBLICA

¹ ___ exatos 125 anos, em 15 de novembro de 1889, foi proclamada a república do Brasil. Na época, o país era governado por D. Pedro II e passava por grandes problemas, em razão da abolição da escravidão, em 1888.

² Como os negros não trabalhavam mais nas lavouras, os ³ imigrantes começaram a ocupar seus lugares, plantando e colhendo, mas cobravam pelos trabalhos realizados, o que gerou insatisfação nos proprietários de terras.

As perdas também foram grandes para os coronéis, ⁴ pois ⁵ _____ gasto uma enorme ⁶ quantidade de dinheiro investindo nos escravos, e o governo, após a abolição, não pagou nenhuma indenização a eles.

A guerra do Paraguai (1864 a 1870) também ajudou na luta ⁷ contra o regime monárquico no Brasil. Soldados brasileiros se aliaram aos exércitos do Uruguai e da Argentina, recebendo orientações para implantarem a república no Brasil.

Os movimentos republicanos também já aconteciam no ⁸ país, a ⁹ imprensa trazia politização ¹⁰ ___ população civil, ¹¹ para lutarem pela libertação do país dos domínios de Portugal. Com isso, vários partidos teriam sido criados, desde 1870.

A Igreja também teve sua participação para que a república do Brasil fosse proclamada. Dois bispos foram nomeados para ¹² acatarem as ordens de D. Pedro II, tornando-se seus subordinados, ¹³ mas não aceitaram tais imposições. Com isso, foram punidos com pena de prisão, levando ¹⁴ ___ igreja ¹⁵ ___ ir contra o governo.

Com as tensões aquecendo o mandato de D. Pedro II, o imperador dirigiu-se com sua família para a cidade de Petrópolis, também no estado do Rio de Janeiro.

¹⁶ Porém seu afastamento não foi nada favorável, fazendo com que fosse posto em prática um golpe militar, onde o Marechal Deodoro da Fonseca conspirava a derrubada de D. Pedro II.

Boatos de que os responsáveis pelo plano seriam presos fizeram com que a armada acontecesse, recebendo o apoio de mais de seiscentos soldados.

No dia 15 de novembro de 1889, ao passar pela Praça da Aclamação, o Marechal, com espada em punho, declarou que, a partir daquela data, o país seria uma república.

Dom Pedro II recebeu a notícia de que seu governo ¹⁷ havia sido derrubado e um decreto o expulsava do país, juntamente com sua família. Dias depois, voltaram a ¹⁸ Portugal.

Para governar o Brasil República, os responsáveis pela conspiração montaram um governo provisório, mas o Marechal Deodoro da Fonseca permaneceu como presidente do país. Rui Barbosa, Benjamin Constant, Campos Sales e outros foram escolhidos para formar os ministérios.

(FONTE: Jussara de Barros, <http://www.brasilecola.com>-Texto Adaptado)

72. (Imed 2015) Avalie as seguintes afirmações a respeito da palavra *imigrantes* (ref. 3):

I. É formada apenas por prefixação, assim como a palavra *imprensa* (ref. 9).

II. O prefixo *-ante(s)* exprime origem.

III. Migração, migrar e emigrar são suas cognatas.

Quais estão corretas?

- | | |
|---------------------|-------------------|
| a) Apenas I. | b) Apenas II. |
| c) Apenas III. | d) Apenas I e II. |
| e) Apenas II e III. | |

73. (Imed 2015) No que tange ao uso de nexos coesivos no texto, analise as afirmações que seguem, assinalando V, se verdadeiras, ou F, se falsas.

() Na referência 4, *pois* poderia ser substituído por *porque* sem causar alteração de sentido.

() Na referência 11, o vocábulo *para* expressa finalidade.

() Na referência 13, a palavra *mas* expressa oposição, assim como *Porém* na referência 16.

A ordem correta de preenchimento dos parênteses, de cima para baixo, é:

- | |
|---------------|
| a) V - V - V. |
| b) V - F - V. |
| c) F - V - F. |
| d) V - F - F. |
| e) F - F - F. |

74. (Imed 2015) As lacunas das referências 1, 5, 10, 14 e 15 ficam correta e respectivamente preenchidas por:

- | |
|----------------------------|
| a) A - haviam - a - à - a |
| b) Há - havia - a - a - à |
| c) A - haviam - a - a - à |
| d) A - havia - à - à - à |
| e) Há - haviam - à - a - a |

- 75. (Imed 2015)** Sobre determinados vocábulos do texto, são feitas as seguintes afirmações:
- I. A palavra *país* (ref. 8), ao ser pluralizada, deve perder o acento gráfico.
 - II. O vocábulo *república*, caso perdesse o acento gráfico, transformar-se-ia em um verbo, flexionado no presente do indicativo.
 - III. A retirada do *h* da palavra *havia* (ref. 17), constituiria outro vocábulo da língua portuguesa.
- Quais estão INCORRETAS?
- a) Apenas I.
 - b) Apenas II.
 - c) Apenas I e II.
 - d) Apenas II e III.
 - e) I, II e III.

| Gabarito | | | | | | | | | |
|----------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|
| 1.D | 2.E | 3.E | 4.C | 5.B | 6.B | 7.A | 8.D | 9.C | 10.D |
| 11.C | 12.D | 13.C | 14.D | 15.A | 16.D | 17.D | 18.D | 19.C | 20.D |
| 21.C | 22.B | 23.E | 24.E | 25.C | 26.D | 27.C | 28.D | 29.E | 30.D |
| 31.B | 32.C | 33.C | 34.B | 35.A | 36.A | 37.C | 38.E | 39.D | 40.E |
| 41.B | 42.A | 43.B | 44.A | 45.B | 46.C | 47.A | 48.E | 49.A | 50.D |
| 51.D | 52.D | 53.B | 54.C | 55.B | 56.C | 57.E | 58.B | 59.C | 60.D |
| 61.D | 62.B | 63.A | 64.C | 65.B | 66.E | 67.B | 68.D | 69.A | 70.D |
| 71.C | 72.C | 73.A | 74.E | 75.A | | | | | |